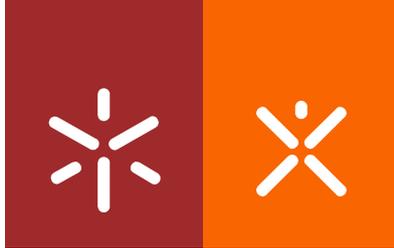




Universidade do Minho
Instituto de Educação

Filipe Abraão Martins do Couto

As TIC no Ensino da Filosofia



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Filipe Abraão Martins do Couto

As TIC no Ensino da Filosofia

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação do
Doutor Artur Manuel Sarmento Manso

setembro de 2013

DECLARAÇÃO

Nome: Filipe Abraão Martins do Couto

Endereço eletrónico: filipeabraao27@hotmail.com Telefone: 915 050 268

Número do Bilhete de Identidade: 11295030

Título dissertação tese: *As TIC no ensino da Filosofia*

Orientador(es): Doutor Artur Manuel Sarmiento Manso

Ano de conclusão: 2013

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento: Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, __/__/____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço toda a atenção, orientação pessoal e profissional, a disponibilidade e profissionalismo ao meu orientador e supervisor de Estágio, Professor Doutor Artur Manso, que me acompanhou durante este percurso profissional. Sem ele, jamais teria sido possível frequentar este estágio profissional e realizar este relatório final.

Agradeço todo o empenho, simpatia e profissionalismo à minha orientadora de estágio, com quem muito aprendi.

Agradeço todo o trabalho, paciência e simpatia à secretaria e professores de filosofia da Escola Secundária Soares de Basto, em Oliveira de Azeméis, pela aplicação e recolha de inquéritos.

Agradeço a oportunidade de estágio, o acolhimento, disponibilidade e simpatia a todos os profissionais da educação do Externato Ribadouro.

Agradeço o brio profissional, dedicação e paciência de todo o trabalho gráfico deste relatório ao meu amigo Sérgio Oliveira.

Por fim, agradeço à minha namorada Célia Oliveira, pelo incentivo, carinho, atenção e paciência. Foi graças a todas as suas virtudes que consegui concluir todo este percurso.

Resumo

O Relatório de Estágio “AS TIC no Ensino da Filosofia” que se apresenta, surge como resultado do Plano de Intervenção Pedagógica Supervisionada, que faz parte do Estágio Profissional do Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário, que ocorreu no Externato Ribadouro, no Porto, no ano letivo de 2012/2013, tendo como público-alvo os alunos do 10º Ano, turma 10º 4ª, do curso Científico-Humanístico de Ciências Sócio-Económicas, sob a orientação da Professora Mafalda Rocha e sob a supervisão do professor Doutor Artur Manso.

Este relatório desenvolveu-se segundo dois pontos fundamentais:

Componente pedagógica: referente ao período de lecionação. O delineado foi lecionar as aulas regulamentares, tendo como base o programa oficial do 10º ano de Filosofia e os diversos recursos e materiais propícios para a atividade filosófica. O tema escolhido para lecionação na escola foi a Dimensão Estética – análise e compreensão da experiência estética. Este projeto de intervenção pedagógica pretende analisar em que medida o uso das TIC no ensino da Filosofia pode contribuir para o enriquecimento dos conteúdos do Programa Curricular, em particular no tema da Dimensão Estética.

Componente de investigação/ação: a investigação procurou responder de que forma as Tecnologias de Informação e Comunicação poderão melhorar o Ensino da Filosofia, sobretudo no tema da Dimensão Estética. Recorreu-se, para isso, a uma fundamentação da didática da filosofia e à análise de dados recolhidos com base em inquéritos a professores e alunos.

Abstract

The training report “The IT in the Philosophy teaching” appears as the result of the Plan of Supervised Pedagogical Intervention, which is part of the Professional Training of the MA in the Philosophy Teaching in Secondary Teaching. This training happened at Externato Ribadouro, in Porto, during the 2012/2013 school years, with 10th grade students, particularly the class 10th 4th, of the Scientific-Humanistic Course of Social Economic Sciences, under the supervision of the teacher Mafalda Rocha and Professor Artur Manso.

This report was developed according to two fundamental aspects:

Pedagogical aspect: regarding the teaching period. It was established the teaching of the established lessons by the faculty, using the official Curriculum for the 10th grade of Philosophy and the appropriate different resources and materials for the philosophic activity. The chosen theme to teach at school was the Aesthetic Dimension – analysis and comprehension of the aesthetic experience. This project of pedagogical intervention intends to analyse the ways that the use of IT in the Philosophy teaching can contribute to the enrichment of the contents in the Curriculum, particularly in the theme of the Aesthetic Dimension.

Investigation/Action aspect: the investigation aimed to understand in which ways the use of IT may improve the Philosophy teaching, mainly in the theme of the Aesthetic Dimension. Therefore, it was used the understanding of the didactics of the Philosophy and the analyses of data that were gathered through the implementation of inquiries to teachers and students.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
1. Enquadramento	1
1.1. Metodologia	1
1.2. Caracterização da Escola	2
1.3. Registo da Turma	2
2. Linha de Investigação	3
2.1. A Didática da Filosofia	3
2.2. A Didática da Filosofia e as TIC	6
2.3. O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Tema da Dimensão Estética	8
2.4. Obstáculos para a implementação das TIC no Ensino da Disciplina de Filosofia	10
2.5. A Necessidade das Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino da Filosofia	13
3. Contexto de Intervenção	18
3.1. Desempenho Letivo e Prática Pedagógica	18
3.1.1. Enquadramento das Planificações	18
3.1.2. Planificações	19
3.1.2.1. Planificação de Aula de Filosofia 4	19
3.1.2.2. Planificação de Aula de Filosofia 5	20
3.1.3. Fundamentação Teórica das Aulas Tratadas	20
3.1.4. Quarta Planificação de Aula – Análise	21
3.1.5. Quinta Planificação de Aula – Análise	24
3.1.6. Avaliação da Intervenção	26
4. Inquéritos	27
4.1. Inquéritos Realizados aos Alunos	28
4.2. Inquéritos Realizados aos Professores de Filosofia	38
4.3. Conclusão dos Resultados dos Inquéritos aos Alunos	47
4.4. Conclusão dos Resultados dos Inquéritos aos Professores	49
4.5. Comparação dos Resultados	50
Conclusão	53
Bibliografia	56

Gráficos

Gráfico 1	28
Gráfico 2	28
Gráfico 3	29
Gráfico 4	29
Gráfico 5	30
Gráfico 6	30
Gráfico 7	31
Gráfico 8	31
Gráfico 9	32
Gráfico 10	32
Gráfico 11	33
Gráfico 12	33
Gráfico 13	33
Gráfico 14	34
Gráfico 15	35
Gráfico 16	35
Gráfico 17	36
Gráfico 18	36
Gráfico 19	38
Gráfico 20	39
Gráfico 21	40
Gráfico 22	41
Gráfico 23	41
Gráfico 24	42
Gráfico 25	42
Gráfico 26	42
Gráfico 27	43
Gráfico 28	44
Gráfico 29	44
Gráfico 30	45
Gráfico 31	45

Anexos

Anexo I	59
Anexo II	68
Anexo III	69
Anexo IV	70
Anexo V	71
Anexo VI	74

1. Enquadramento

Apesar do tema deste projeto de intervenção pedagógica se intitular “As TIC no Ensino da Filosofia”, tal não significa que as aulas se irão revestir exclusivamente da vertente tecnológica desprovida de conteúdos, negligenciando por isso a importância do papel do professor na sala de aula. Pelo contrário, cabe ao professor, cada vez mais, demonstrar o seu papel de e-mediador para as novas tecnologias de informação e comunicação, refutando a informação exacerbada e fragmentada que povoa no mundo multimédia e os perigos que essa mesma informação representa para a construção do conhecimento. Considera-se que as novas tecnologias de informação poderão promover formas para desencadear a atividade filosófica: porque os alunos conseguirão ver o objeto de aprendizagem; porque os alunos conseguirão sentir o objeto de aprendizagem; porque os alunos receberão os estímulos visuais e auditivos necessários para a compreensão plena da matéria lecionada, que, de outra forma, jamais poderiam compreender. Convém também notar que os conteúdos digitais poderão tornar o processo de ensino-aprendizagem mais simples (não quer dizer facilitismo) em alguns temas cujas matérias sejam de pendor mais abstrato ou metafísico. Muitas vezes, o aluno não compreende a matéria porque determinados assuntos se revestem de um pendor fortemente teórico e expositivo, fator que determina o afastamento do aluno da aprendizagem. Numa sociedade de informação globalizada, onde, por norma, a maior parte dos alunos sabem mais do que os professores no que concerne ao uso geral das tecnologias de informação e comunicação, torna-se urgente uma revitalização na forma de ensinar filosofia.

1.1. Metodologia

Numa sociedade de informação globalizada, onde impera uma “juventude aprendente, num mundo inundado de informação e de tecnologia mal interiorizada”¹, torna-se urgente a intervenção do professor no sentido de ajudar os alunos a desenvolverem competências e saberes que lhes permitam uma autonomia de sucesso com vista a uma integração social capaz.

O desenho de investigação deste projeto incidirá no seguinte percurso:

Em primeiro lugar, através da análise de algumas aulas lecionadas, pretende-se determinar em que medida o uso das TIC no ensino da Filosofia pode contribuir para o enriquecimento dos conteúdos do Programa Curricular, em particular no tema da Dimensão Estética.

Em segundo lugar, pretende-se fundamentar a didática específica da filosofia, recorrendo a autores com visões diferenciadas ou complementares, por forma a conceptualizar o ponto de

¹ FIGUEIREDO, A.D., *Importância e Complexidade da Formação de Professores na Sociedade da Informação*, in *A Sociedade da Informação na Escola*, Lisboa: Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação, 1999, pp. 55-61.

referência de todo o processo de ensino e aprendizagem da disciplina. Será este o ponto de partida para se abordar o estatuto teórico que as TIC poderão ter no ensino da Filosofia.

Em terceiro lugar, recorrendo aos resultados de inquéritos aplicados a professores e alunos de filosofia, pretende-se aferir o papel que as TIC atualmente têm no ensino da filosofia, bem como determinar o papel que poderão ter no ensino futuro da filosofia.

1.2. Caracterização da Escola

O Externato Ribadouro é uma escola com um projeto educativo global que vai desde o ensino Pré-Escolar ao 12º ano. Encontra-se sediado na rua de Santa Catarina, no centro histórico do Porto. No ano letivo anterior alargou as suas instalações, criando um novo Pólo, na rua do Bonjardim. A sua realidade educativa é heterogénea. É um estabelecimento de ensino que recebe alunos oriundos das mais diversas regiões do norte do país, promovendo uma diversidade cultural enriquecedora ao nível da formação das suas crianças e jovens. No seu projeto educativo, está contemplado a promoção do trabalho de equipa (O Plano Anual de Atividades promove intercâmbios escolares e visitas de estudo, permitindo um novo conceito de cidadania), a preparação dos alunos numa perspetiva globalizante, preparando-os para saberem duas ou mais línguas estrangeiras, bem como a integração dos alunos em projetos nacionais e internacionais de carácter solidário. Nos últimos anos, tem-se afirmado como uma das melhores Escolas do Ensino Secundário. No ano letivo 2010/2011, foi a segunda melhor escola do Ensino Secundário a nível nacional.

1.3. Registo da Turma

No início do estágio profissional, tanto eu como o meu colega de estágio, Miguel Peixoto, ficamos com a turma 10ª A3, da área de Ciências. Depois, por sugestão da professora orientadora Mafalda Rocha, foi decidido que eu ficaria com a Turma 10ª A4, da área de Ciências e o meu colega ficaria com a turma 10ª A3, por razões logísticas. É importante referir esta situação na medida em que o projeto de intervenção pedagógica apresentado em dezembro de 2012 refere a turma 10ª A3 (Projeto de Intervenção Pedagógica disponível como Anexo I). Relativamente à turma 10ª A4, é constituída por 28 alunos, 9 rapazes e 18 raparigas. Todos os alunos frequentam este nível de escolaridade pela primeira vez. A média de idade é de 14 anos. A uniformidade de idades dos alunos facilita a criação de um bom ambiente de trabalho e de aprendizagem. Existem focos de interesse comuns, característicos desta mesma faixa etária, o que possibilita o trabalho em grupo. Todos os alunos desejam prosseguir estudos até ao Ensino Superior. O curso mais pretendido é Medicina (16 alunos – 57%). As disciplinas Matemática, Inglês e Ciências Naturais são aquelas em que os alunos desta turma se sentem mais seguros. Por outro lado, as disciplinas em que os alunos sentem mais dificuldades são as de Português, Física e Química. Nenhum aluno

apresenta qualquer problema de saúde ou dificuldade de aprendizagem. Na generalidade, os alunos pertencem a um meio sociocultural médio/alto. A maioria dos pais dos alunos é licenciada ou têm, pelo menos, o 12º ano de escolaridade. Esta situação pode ser facilitadora da aprendizagem já que os pais podem acompanhar melhor os seus educandos ao longo do percurso escolar.

2. Linha de Investigação

2.1. A Didática da Filosofia

Muito se tem debatido a propósito do processo de construção do ensino da filosofia, da forma como se deve ensinar filosofia e as várias problemáticas que esta questão encerra em si mesma. Esta questão é muito importante, mas mais importante é a resposta que se pode adquirir, tendo em conta que será esta permitirá ao professor de filosofia concetualizar o ponto de referência de todo o processo de ensino/aprendizagem da disciplina.

Muitos autores consideram que vez que a filosofia é uma área do conhecimento humano que não visa um aspeto particular da realidade, tal como a maior parte das outras disciplinas, “mas a realidade como um todo”.² Muitos autores, como Ronai Pires da Rocha, Joaquim Vicente, Júlio Fragata, João Boavida, entre outros, consideram que a didática da filosofia se deve revestir de uma didática “muito especial”. A natureza de alguns temas abordados na aula, como o sentido da vida, o amor, os valores, entre outros, são temas gerais abordados em filosofia que se envolvem, muitas vezes, no drama pessoal de vida do(s) aluno(s). Assim, para se debater sobre uma possível didática da filosofia, torna-se essencial abordar a natureza da mesma. A filosofia ocupa-se dos aspetos e temas universais que dizem respeito a todos os seres humanos e se um determinado campo de saber, como a música, ou matemática, se ocupa de um determinado saber particular e possui a sua didática, a filosofia, enquanto campo de saber que se ocupa da “realidade como um todo” deve, igualmente, possuir a sua. Como não visa um saber particular, mas geral, então a sua didática deve ocupar um lugar especial. Pretende o autor dizer que a didática da filosofia não pode ser uma simples “adaptação da didática de outros saberes”,³ ou “uma coleção de princípios

² ROCHA, R., P., “Em Favor da Didática”, in RIBAS, M., ALICE COELHO et alii (org.) *A Filosofia na Escola*, Editora UNIJUI, Rio Grande do Sul, 2008, pp. 164-166.

³ A este propósito Júlio Fragata adverte-nos que “a própria palavra Filosofia não tem uma significação bem delimitada. O termo foi inventado para abranger o conjunto de todas as ciências, isto é, de tudo o que conhecemos dum modo reflexamente fundamentado”, cf. FRAGATA, J. “A filosofia e o saber”, in *Separata Revista Portuguesa de Filosofia*, 42, 1-2, 1986, p.1.

didáticos gerais”.⁴ Com efeito, se a didática é a “ciência do estudo”⁵, a proposta para uma definição da didática da filosofia tem que ter em conta a própria natureza da disciplina. É com base nestes princípios que Joaquim Vicente, atendendo à massificação do ensino secundário e, sobretudo, à massificação do ensino da filosofia no ensino secundário⁶, enfatiza a questão controversa de uma didática da filosofia. Assim, deve o professor de filosofia ensinar filosofia, isto é, questões inerentes à história da filosofia e os seus autores, ou deve o professor ensinar a filosofar? Segundo o autor, o professor deve ensinar os alunos a filosofar. Só assim será possível para os alunos obterem os instrumentos para o desenvolvimento pleno da razão, do pensamento racional e crítico que conduza à formulação de um projeto de vida próprio, bem como o desenvolvimento de um pensamento ético-político e o da sensibilidade cultural e estética. Ao atender-se exclusivamente à história da filosofia e do pensamento, cair-se-á no erro das generalizações triviais e confusas para o aluno, sem qualquer “singular poder de problematização”⁷ que, sem dúvida, nos aparece como característica intrínseca da filosofia e portanto distinta das outras disciplinas.

É neste enquadramento que o autor, com base nas teorias de Tozzi, propõe um “acordo didático”, assente nas seguintes proposições:

O ensino da filosofia na educação secundária terá por finalidade e objecto a aprendizagem do filosofar.

O filosofar é um processo de pensamento incontestavelmente complexo que pode e deve, para efeitos didáticos, desdobrar-se em três operações intelectuais maiores: conceptualizar, problematizar e argumentar.

Este deverá ser o paradigma organizador do ensino filosófico na educação secundária.

A aprendizagem dos processos fundamentais do pensamento filosófico implicará da parte do aluno o desenvolvimento das seguintes capacidades:

- a) Ser capaz de conceptualizar filosoficamente uma noção;
- b) Ser capaz de problematizar filosoficamente uma questão ou uma noção;
- c) Ser capaz de argumentar filosoficamente uma tese ou uma dúvida.

Ao ensinar o aluno a conceptualizar, a problematizar e a argumentar, o professor estará a conferir um sentido que permitirá ao mesmo a introdução ao filosofar. Não interessa tanto a exposição do filosofar do professor, mas colocar o aluno a filosofar. Para isso, à luz do pensamento

⁴ ROCHA, R., P., *Em Favor da Didática – A Filosofia na Escola*, p. 167.

⁵ HADJI, C., BAILLÉ, J., *Investigação e Educação – Para Uma Nova Aliança*, Porto, Porto Editora, 2001, p.38.

⁶ VICENTE, Joaquim, “Subsídios para uma Didática da filosofia. A propósito de algumas iniciativas recentes para a constituição de uma Didática específica da Filosofia”, *Revista Filosófica de Coimbra*, 3 (6), 1994, pp. 397-412.

⁷ CARRILHO, M., M., *Razão e Transmissão da Filosofia*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, pp. 14-15.

do autor, a filosofia deve promover todas as estratégias, métodos e objetivos que levem o aluno à competência do ato de filosofar. Segundo Joaquim Vicente, o mais importante é ensinar aos alunos o ato de filosofar, que implica o saber pensar, o saber interrogar e o saber fazer ou agir, posição que se estatui e vigora no Programa de Filosofia do Ensino Secundário.⁸

Posição semelhante é a do seu conterrâneo, João Boavida, defensor de que a filosofia tem em si mesma a sua didática que, ao longo da história, não tem sido concretizada devido a uma submissão a uma didática geral que trata todas as disciplinas como se fossem iguais.⁹ Segundo Boavida, a filosofia não é igual às outras disciplinas. Afinal, o objeto da filosofia não visa um objeto particular, mas o todo. É por esse motivo que a filosofia tem sido enganada ao longo da história da educação em Portugal, que tem condicionado professores e alunos ao longo do tempo, impedindo futuros professores de serem realmente preciosos e fundamentais, tal como deviam ser em qualquer sociedade. A pouca atenção concedida à educação filosófica impediu a didática específica da filosofia de se concretizar e, regra geral, tem obstruído o acesso à filosofia, cada vez mais pobre e distante do cidadão.¹⁰ João Boavida critica a disciplina de filosofia que, até agora, tem sido um canal de apenas mera “transmissão de conhecimentos e dados”. Por outro lado, por força do desenvolvimento da pedagogia moderna, obrigou a “filosofia a manifestar-se”.¹¹ Nunca, como agora, a filosofia foi alvo de tanta atenção e de tanta investigação por parte de outras ciências sociais, bem como de tanta reflexão sobre si própria. João Boavida defende a premissa de que a filosofia tem em si mesma uma didática que só pode ser estimulada através da atividade filosófica. Tal como Joaquim Vicente, Boavida partilha que só o ato filosófico poderá ser pedagógico, em “virtude do seu poder problematizador”.¹² Assim, só a atividade filosófica “garante a coincidência entre a natureza da filosofia e a especificidade da sua didática”.¹³ O ato filosófico permite ativar intelectualmente os intervenientes, o que, por si só, é revelador da função pedagógica somente quando a filosofia é filosófica: “A vitalidade filosófica não está no conteúdo, mas no processo, no tipo de atividade que conseguir desencadear”.¹⁴ É à luz destas teorias que se defende a premissa de que as tecnologias de informação e comunicação se estatuem como recursos que poderão auxiliar no desencadeamento do ato de filosofar no aluno, ao particularizar-se determinados temas como,

⁸ ALMEIDA, Maria M. B. de (Coord.), (2001). Programa de Filosofia do 10º e 11º Anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário.

⁹ BOAVIDA, J., *Educação Filosófica, Sete Ensaios*, Coimbra, IUC, 2010, p.80.

¹⁰ IBIDEM, p.80.

¹¹ IBIDEM, p.81.

¹² IBIDEM, p.78.

¹³ IDEM, p.82.

¹⁴ BOAVIDA, J., *Educação Filosófica, Sete Ensaios*, p.33.

por exemplo, a Dimensão Estética ou a Dimensão Religiosa. A disciplina de filosofia, revestindo-se de um carácter didático diferente de todas as outras disciplinas, deve ser encarada como “ação construtora de sentido, colaborando com a realidade disponível, para a desenvolver, segundo as linhas da sua intencionalidade universalizante e diferenciadora”.¹⁵

2.2. A Didática da Filosofia e as TIC

As preocupações destes autores permitiram-me refletir e estar atento sobre um dos grandes problemas que assola o próprio ensino da filosofia – a sua didática – parecendo-me que a revolução a operar no seio do seu ensino tem a ver precisamente com a forma como o docente a define. Tudo leva a crer que ainda há muito a fazer no ensino da filosofia e que se torna urgente refletir sobre o seu ensino e sobre o que é a educação filosófica. A filosofia deve servir para formar espíritos livres e reflexivos, capazes de resistir às diversas formas de propaganda, de fanatismo, de exclusão e de intolerância. Mas será fundamental pensarmos como poderemos formar jovens capazes de, em primeiro lugar, não ter medo de pensar, em segundo lugar, que consigam pensar criativamente e com satisfação pessoal e, em terceiro lugar, refletir como é que a filosofia os pode melhorar enquanto pessoas que, não só pensam bem, como agem bem e de acordo com o que pensam. A filosofia, enquanto disciplina situada no plano curricular do ensino secundário, possui uma imagem muito desgastada perante a comunidade em geral e é neste sentido que se torna crucial arranjar formas de devolver o estatuto merecido a uma área de saber muito importante. Concordando inteiramente com a posição dos autores acima referidos, em particular João Boavida e Joaquim Vicente, o desenvolvimento desta investigação tem como premissa-chave que o bom uso das tecnologias de informação e comunicação depende do desencadeamento de formas no processo de ensino e aprendizagem que permita ao aluno o ato de filosofar. É neste sentido que se acredita que a tecnologia educativa em sala de aula poderá ter uma palavra muito forte nos próximos anos. É com base na perspetiva desta didática preconizada por estes autores que assentarei a base de toda a discussão em torno da problemática em estudo. Por outras palavras, as TIC no ensino da filosofia, quando bem aplicadas, poderão constituir-se como meios ou recursos que permitirão ao aluno o ato de filosofar. É evidente que a introdução e aplicação das TIC na disciplina de filosofia requer mais trabalho por parte do professor, mais dedicação, mais horas perdidas em torno do seu estudo e conseqüente aplicação em sala de aula e posterior reflexão. Se o ensino da filosofia consiste no ato de filosofar, as estratégias de implementação de tecnologia educativa no ensino da filosofia deverão ser enquadradas neste âmbito. Convém não esquecer que nas sugestões

¹⁵ GONÇALVES, J. C., *Fazer Filosofia – Como e Onde?*, 2ª ed., Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 1995, p.17.

metodológicas apresentadas no programa de Filosofia, se refere que “os jovens e as jovens possam tomar iniciativas de interpretação e compreensão dos temas e, assim, caminhar no sentido da configuração progressiva da sua autonomia, fator absolutamente imprescindível na aprendizagem da filosofia” e que “o exercício pessoal da razão implica a alteridade, ou seja, que pensar é pensar com ou pensar a partir de”.¹⁶

Para isso, é evidente que as tecnologias em sala de aula não deverão ser encaradas como meros suportes de projeção e exposição, mas, sobretudo, deverão convidar o aluno a interagir e a refletir.

Com este trabalho, pretendeu-se seguir a regra prática de João Boavida a respeito do ensino da filosofia no ensino secundário: “a cada um o nível filosófico de que for capaz, em cada momento, como condição para ir alcançando níveis cada vez mais elaborados e usando métodos adequadas a tal objetivo”.¹⁷ Está claro, de acordo com os tempos que correm, o estatuto da disciplina de filosofia encontra-se confuso na sua própria didática, amarrada a uma condição histórica cujos métodos e técnicas dificilmente conseguem alcançar e dialogar com as novas gerações. Com efeito, na era da globalização e das tecnologias de informação e comunicação, a filosofia não pode ser um corpo estranho e repulsivo que afaste constantemente os jovens. O recurso aos materiais didáticos inovadores estatui-se, neste sentido, como um forte aliado para combater a descrença da filosofia enquanto disciplina inútil e cansativa. Na era da imagem, é imperativo a utilização dos meios que estão ao nosso dispor, como o computador, a *internet*, o vídeo projetor, como fontes e meios para promover novas linguagens, novos discursos por forma a exponenciar o espanto e o diálogo. A disciplina da filosofia pode e deve invocar o imaginário popular onde conceitos como o mito, o sagrado, o profano, o obscuro, o fantástico, o mágico, o encantamento, deverão ser palavras aliadas à imagem que os recursos didáticos poderão produzir e introduzir na sala de aula. Como refere João Boavida a este propósito: “Na origem da filosofia estão o espanto e o diálogo, toda a gente o sabe, ou, pelo menos, todos os dizem. E isto tanto em termos históricos como psicológicos. Porque não partirmos daqui para uma real iniciação à filosofia?”.¹⁸ O computador, a utilização do vídeo projetor, o recurso ao som, à *internet*, à música, ao texto, o filme temático, o documentário, a escolha e análise de textos, os recursos materiais que a sala oferece, como a disposição de mesas e cadeiras e quadros, constituem, sem dúvida, uma mais-valia para o processo de valorização e elevação do ensino da filosofia. Ao definir-se o ensino da filosofia como um conjunto de métodos e estratégias que tem por finalidade promover no aluno um conjunto de competências que permita

¹⁶ ALMEIDA, M. M. B. de (Coord.), (2001). Programa de Filosofia do 10º e 11º Anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário, p. 16.

¹⁷ BOAVIDA, J., *Educação Filosófica, Sete Ensaios*, p.189.

¹⁸ IBIDEM, p. 51.

ao mesmo o desencadeamento do ato de filosofar, com critérios de avaliação plenamente alinhados neste sentido, a implementação das TIC em sala de aula também têm, obrigatoriamente, de seguir estas orientações.

2.3. O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Tema da Dimensão Estética

Constatou-se, através da observação direta, que o recurso a imagens de pinturas e esculturas em sala de aula constituiu, sem dúvida, uma forma de promover a atenção dos alunos. De acordo com as estratégias planejadas, a tecnologia educativa nunca foi usada de um ponto de vista instrucionista, mas construtivista e construcionista, porque nunca se apelou somente a meras transferências de conhecimento proporcionadas pelos recursos tecnológicos, mas houve sempre uma preocupação para balizar o processo de construção do conhecimento pelo aluno, por forma a promover a sua auto-aprendizagem, reflexão e pensamento crítico. Como refere Valente: “o computador deve ser usado como uma ferramenta que facilita a descrição, a reflexão e a depuração de ideias”.¹⁹

Assim, como está referido na descrição e análise da aula de filosofia quatro e cinco, os alunos envolveram-se plenamente na compreensão e reflexão sobre as obras artísticas, colocando questões, analisando as obras de arte em si, as pinceladas, os tons, as cores, os objetos, descrevendo as emoções estéticas que determinada obra suscitava, compreendendo desta forma o carácter subjetivista (Kantiano) que ficou patente tendo em conta as descrições originais e particulares dos alunos, que variaram entre si. Considera-se que as aulas em torno do tema da Dimensão Estética foram extremamente profícuas, ao ter-se em conta a participação fantástica dos alunos, que demonstraram serem ávidos de conhecimento numa temática que, por vezes, passa despercebida. Foi através da análise ao conjunto das obras referidas no relatório, proporcionadas pelas TIC, que os alunos compreenderam melhor o fenómeno da arte contemporânea, que é, por vezes, desconcertante. Com estes instrumentos, os alunos, através do visionamento de imagens e filmes compreenderam que a arte contemporânea é portadora de múltiplos significados, que os objetos se tornam “contentores de sentido”, abertos a muitos significados. A arte, vista nesta perspetiva, revela-nos novas formas de ler e escrever, de ver e sentir, dimensões que partilhamos com o artista. Assim, pela arte conhecemo-nos e pela arte libertamo-nos. A função purificadora da arte mantém-se, nunca se tendo perdido. Os objetivos gerais a ser conseguidos em torno da Dimensão Estética pretendem que os alunos compreendam, através dos exercícios que realizaram, que a obra de arte é uma produção humana, um prazer sensível, uma forma estética, uma obra aberta que apela ao

¹⁹ VALENTE, José A, *Porquê O Computador na Educação?* Núcleo de Informática Aplicada à Educação – NIED, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1999, p.23.

conhecimento, à inteligência, às tradições e aos sentimentos que, longe de ser estanque, não deixa de ser uma interpretação e compreensão do mundo, que visa a expressão e liberdade, sendo por isso um meio de comunicação que intermedeia o mundo interior e o mundo exterior, com um desejo nítido de imortalidade. Os meios tecnológicos em sala pretendem ir ao encontro do aluno, dos seus interesses e dos seus sentidos, cumprindo-se, na perfeição, os meios que se utilizam para se atingir um fim. Conceitos filosóficos fundamentais como o Gosto, Experiência Estética, o Belo, Horrível, Sublime, Subjetivismo Estético, Objetivismo Estético, não fazem sentido se não forem devidamente experienciadas em sala de aula. Uma exposição demasiado teórica e meramente oral desta temática corre o risco de não conseguir oferecer aos alunos a experiência necessária por forma a se atingirem os objetivos. Isto porque, em relação à obra de arte, refere Deleuze que o que dela se conserva é um bloco de sensações, um “composto de perceptos e de afetos”.²⁰ Para Deleuze, a filosofia tem necessidade não só de uma compreensão filosófica, por conceitos, mas também de uma compreensão não filosófica, que opera por perceptos e afetos.²¹ E são necessárias as duas coisas. À luz do pensamento do autor, este é o movimento em que consiste a verdadeira filosofia, um movimento dinâmico que subentende o conceito, o afeto e o percepto. A arte não pensa menos que a filosofia (criação de conceitos), mas pensa através de perceptos e afetos, portanto, não utiliza o mesmo plano de corte, mas enfrenta o caos na mesma proporção. Para Deleuze, é possível modificar o que significa pensar, elaborar uma nova imagem do pensamento, instaurar um novo plano de imanência e, de imediato, criar outras entidades poéticas, romanescas, pictóricas, musicais a partir de outras linguagens não convencionais. Desta forma, a imagem, o filme, o cinema, a música proporcionam uma pluralidade de formas de pensamento que nada tem a ver com as formas de representação convencional. Pelo contrário, proporcionam a abertura de uma possibilidade de sentidos porque se pensa através de outros signos para além das letras e palavras.²² Assim, pensa-se através da música, da pintura, da escultura e do cinema.²³ Por outro lado, não é

²⁰ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., *O Que é a Filosofia?*, Lisboa, Presença, 1992, p.59.

²¹ IBIDEM, p.144.

²² DELEUZE, G., *A Imagem-Movimento*, Brasília, Editora Brasiliense, 1983, p. 243.

²³ Em relação ao cinema Moderno, a ação, o padrão narrativo, a linguagem, a montagem ação/reação/ação, diálogos, cenários, a ideia de continuidade e logicidade -, a imagem-tempo é o quadro das situações puras, situações-limite em que realidade e imaginação são apresentadas de uma forma distinta mas indiscerníveis. A complexidade narrativa é elevada, pois o passado e presente fundem-se num presente que é, mas já passou. A narrativa é ambígua, aleatória e tem retrocessos. O sonho é real e imaginário, o passado faz parte do eu que existe no presente e que se confunde, invoca-se e desdobra-se. A narrativa deixa de ter pretensões em alcançar a verdade, sendo que o falso e o irreal têm a mesma dimensão da verdade. No cinema, a imagem-tempo coloca o pensamento em relação a um impensado, o inexplicável, aquilo que é incomensurável. Coloca o próprio pensamento perante a possibilidade de pensar o

possível pensar-se através destas novas linguagens, se não houver os meios tecnológicos que as suportam. No caso concreto da Estética, que se ocupa dos problemas e das teorias acerca da arte, é extremamente difícil para o aluno ocupar-se de questões do que é o belo, o que é uma experiência estética ou o que é um juízo estético se não tiver acesso às obras de arte. A obra de arte implica sempre uma interpretação daquele que a vê ou ouve e necessita sempre de uma construção de sentido pelo espetador, neste caso, os alunos. Se a estética designa a teoria da sensibilidade à beleza artística e à reflexão que se aplica à arte, as tecnologias de informação e comunicação afiguram-se imprescindíveis enquanto recursos que irão proporcionar a experiência física necessária aos alunos. Só com recurso ao computador, colunas de som, vídeo projetor, quadro interativo, *software* educativo, imagem, vídeo e a música, aliado a uma planificação e avaliação que motive o aluno para o ato de filosofar, é possível alimentar a construção de sentido e a significação da experiência estética. Tendo acesso às obras de arte através da imagem ou som, ou imagem-movimento, será mais fácil para os alunos inteirarem-se de conceitos como o subjetivismo estético de Kant, ou o objetivismo estético de Platão, o conceito de belo e sublime, a arte como imitação ou criação, o objeto artístico, o feio e o grotesco, a arte e as técnicas da antiguidade clássica, a idade média, a idade moderna e contemporânea, os vários movimentos e correntes artísticas vanguardistas, a teoria da forma significativa, a mercantilização da arte, a industrialização da estética, entre outros.

2.4. Obstáculos para a implementação das TIC no Ensino da Disciplina de Filosofia

Segundo o Estudo de Implementação²⁴ “Competências TIC”, elaborado pelo Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (Gepe), no dia 24 de Maio de 2007, em reunião de Conselho de Ministros, e tendo como base a aprovação do Decreto-Lei que procede à segunda alteração ao Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, foram estabelecidas novas matrizes para os currículos dos cursos científico-humanísticos do Ensino Secundário, transferindo a disciplina de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) “do ensino secundário para os 7.º e 8.º anos do ensino básico, considerando-se ser a esse nível que deve ser adquirida a formação essencial nesta área,

impensável, o indizível, e, nesta perspetiva, reavalia o cinema como nova imagem do pensamento, capaz de elaborar uma crítica concreta à imagem comum do pensamento. Precisamente por isto, o cinema, mais do que qualquer outra forma de arte, é a imagem que rompe o vínculo com o mundo, com o mundo de critérios lógicos, de verdades, com o mundo que nos habituamos a olhar, posicionando-se num nível superior, ao promover o impensável no pensamento, exceção, ser da sensação, possibilidade de estilo, indeterminação e determinação do devir.

²⁴ Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE), “Competências TIC. Estudo de Implementação”, Volume 2, coordenado por Fernando Albuquerque Costa, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 2009.

apostando-se na transversalidade da utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação no nível secundário de educação” (Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho, preâmbulo).²⁵

É neste sentido que a aprendizagem das TIC como um “espaço necessariamente interdisciplinar”, teve e está a ter implicações no Ensino Secundário, pois a aposta na transversalidade da utilização das TIC no nível secundário implicaria a garantia de que todos os professores tivessem uma “integração” não só em tecnologias de Informação e Comunicação, mas, sobretudo em formação de TIC aplicadas na lecionação dos conteúdos das disciplinas específicas. A necessidade de desenvolver competências relacionadas com o uso das tecnologias constituiu-se, desta forma, como uma exigência para todos os professores de todos os níveis de ensino, contempladas pelos respetivos programas curriculares. Contudo, a referência que este estudo faz ao uso das TIC por parte dos professores e escolas salienta uma lacuna ainda por resolver: “No entanto, de acordo com a informação que foi possível recolher, junto das escolas e dos professores da disciplina, contam-se como marginais os casos em que esta integração é efetivamente concretizada”. Por outras palavras, constatou-se que a integração tecnológica ficou além das expectativas,²⁶ motivadas pelos seguintes factos:

- A falta de competências dos professores em TIC;
- A ausência de especificação ao nível da generalidade dos programas em relação a propostas concretas de utilização das TIC;
- As práticas de interdisciplinaridade pouco frequentes e pouco consolidadas.

Como está definido no *Diário da República*, 1.ª série — N.º 180 — 18 de Setembro de 2007, “A Estratégia de Lisboa e o Programa Educação e Formação 2010 definiram para a Europa um conjunto de linhas de orientação com vista à plena integração dos cidadãos europeus na sociedade do conhecimento. O desenvolvimento de competências em tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e a sua integração transversal nos processos de ensino e de aprendizagem tornam-se objetivos incontornáveis dos sistemas de ensino”. Desta forma, foi considerado fundamental a implementação de projetos a nível nacional no eixo de atuação “formação” com o objetivo de proporcionar formação a nível da integração das TIC nos métodos de ensino e aprendizagem para todos os professores, como consta no Programa Nacional de Formação de Competências TIC, no âmbito do Sistema de Formação e Certificação de Competências TIC, do Plano Tecnológico da Educação (PTE), aprovado e regulamentado pela Portaria n.º 731/2009²⁷ e,

²⁵ IBIDEM, p. 75.

²⁶ IBIDEM.

²⁷ Diário da República, 1.ª série — N.º 129 — 7 de Julho de 2009.

mais tarde, complementada pela Portaria nº 224/2010 de 20 de Abril.²⁸ O estudo realizado através da coordenação de Fernando Albuquerque da Costa, apresentado em 2009, conclui que, apesar dos esforços do Ministério da Educação na promoção de formação inicial e contínua a nível das competências TIC, é notória a falta de competências dos professores em TIC e, sobretudo, uma “ausência de especificação ao nível da generalidade dos programas em relação a propostas concretas de utilização das TIC”. Este ponto representou uma das principais lacunas no Plano Tecnológico da Educação. Segundo o Plano Tecnológico da Educação,²⁹ as ações de formação inicial e contínua referenciam três grandes momentos integradores para a obtenção do certificado de competências pedagógicas com TIC de nível avançado:³⁰ em primeiro lugar, os professores têm de obter o certificado de competências digitais; em segundo lugar, e muito importante, os professores poderão obter um certificado de competências pedagógicas com TIC, que pressupõe um nível de conhecimento que “integre as TIC como recurso pedagógico, mobilizando-as para o desenvolvimento de estratégias de ensino e de aprendizagem, numa perspetiva de melhoria das aprendizagens dos alunos”. Por último e em terceiro lugar, os professores poderão obter um certificado de competências pedagógicas com TIC de nível avançado, se forem capazes de “inovar práticas pedagógicas com as TIC, mobilizando as suas experiências e reflexões, num sentido de partilha e colaboração com a comunidade educativa, numa perspetiva investigativa”.³¹ É neste sentido que 80% dos professores inquiridos (Inquéritos realizados aos professores neste relatório) afirma possuir as competências digitais necessárias nos meios tecnológicos referidos, embora se constate que mais de metade dos docentes não os aplique em sala de aula: porque, conforme os próprios docentes assim confirmaram, falta formação específica, inicial e contínua em relação a práticas pedagógicas filosóficas integradas nas tecnologias de informação e comunicação. Por muito que seja importante o docente possuir um certificado de competências digitais, de pouco valerá se o mesmo não conseguir desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem da filosofia aplicadas através das TIC. Mas para os profissionais de filosofia obterem uma formação de qualidade a este nível, há que ter em conta as especificidades da própria disciplina ou, por outras palavras, há que ter em conta a problemática da didática da filosofia, ponto muito importante que já foi abordado neste relatório. Se o ensino da filosofia consiste no ato de filosofar, as estratégias de implementação de tecnologia educativa no ensino da filosofia deverão ser enquadradas neste âmbito. Neste sentido, não é possível situar a tecnologia como mera adição ou aplicação³² à sala de aula, ou como meras

²⁸ Diário da República, 1.ª série — N.º 76 — 20 de Abril de 2010.

²⁹ Plano Tecnológico da Educação, p. 73.

³⁰ Disponível em Diário da República, 2.ª série — N.º 247 — 23 de Dezembro de 2009.

³¹ Plano Tecnológico da Educação, p. 73.

³² SILVA, B., “A Tecnologia é uma Estratégia”, in DIAS, PAULO e FREITAS, CÂNDIDO, *Atas da II Conferência Internacional*

plataformas de exposição de conteúdos. É necessário encarar a essência da tecnologia, tal como refere Silva³³, como uma estratégia, que pressupõe a compreensão do porquê e como da integração tecnológica. Mais do que uma técnica, a tecnologia, surge quando “se adquire, sob o modo do *logos*, a compreensão de tal saber fazer, quando se acrescenta reflexão à técnica”.³⁴ Nesta linha de raciocínio, para se obter formação específica, inicial e contínua em relação a práticas pedagógicas filosóficas integradas nas tecnologias de informação e comunicação, a regência terá de ser, quase obrigatoriamente, ministrada por um professor de filosofia. Este ponto, para além de outros muito relevantes, constituiu uma forte entrave no Plano Tecnológico da Educação.

2.5. A Necessidade das Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino da Filosofia

Apesar de muitos docentes de filosofia serem detentores do certificado nível dois ou até mesmo três de literacia digital de acordo com os critérios do Plano Tecnológico da Educação, certo é que, fruto de diversas razões, políticas, logísticas e pessoais, a maior parte dos docentes permanecem relutantes em seguir as recomendações propostas pelo programa curricular de filosofia, em relação aos propósitos relacionados com a utilização das TIC, enunciadas no Currículo Nacional do Ensino Secundário, que aponta a necessidade de “Iniciar ao conhecimento e utilização criteriosa das fontes de informação, designadamente obras de referência e novas tecnologias”³⁵ com os alunos, na mesma medida em que pouco se observa em relação aos conteúdos relacionados com as TIC, métodos e estratégias inovadoras para desenvolver “O trabalho e as novas tecnologias” ou “O impacto da sociedade da informação na vida quotidiana”.³⁶ Mesmo tendo em conta alguma escassez de informação no programa de filosofia em relação ao que se pode e deve fazer com as TIC nos processos de ensino e aprendizagem com os alunos, certo é que ainda continua a imperar um comportamento consensual entre os professores de filosofia assente em métodos de ensino tradicionais ou clássicos.

de Tecnologias de Informação e Comunicação, Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho, p. 852.

³³ IBIDEM, p. 844.

³⁴ IBIDEM, p. 842.

³⁵ ALMEIDA, M. M. B. de (Coord.), (2001). Programa de Filosofia do 10º e 11º Anos - Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário, p. 10.

³⁶ IBIDEM, p. 13, p. 34.

Segundo Silva, as condições para a integração com sucesso das TIC nas escolas deve passar por três vetores fundamentais:³⁷

- Devem aparecer integradas no contexto do projeto curricular;
- O uso pedagógico (das tecnologias) exige uma convergência de pontos de vista entre o conhecimento pedagógico disponível e o pensamento do professor;
- Devem inserir-se numa política de renovação pedagógica da escola.

Estes três vetores afiguram-se fundamentais para a boa integração das TIC nas escolas, sendo certo que o sucesso da tecnologia educativa depende do equilíbrio entre eles, não passando um ponto sem o outro. Mesmo assim, não deixa de ser conveniente salientar o segundo vetor, a propósito do papel muito importante que o professor terá de desempenhar para alcançar o sucesso da renovação pedagógica aliada às TIC: para além de ser uma imposição normativa e legal, também se estatui como um imperativo ético, ligado à vontade demonstrada pelas novas gerações que nasceram e cresceram num mundo ligado às tecnologias de informação e comunicação. O autor Robert Kvakik, no seu artigo *Convenience, Communications, and Control: How Students Use Technology*,³⁸ menciona um estudo realizado em 2004 com 4374 alunos de 13 universidades situadas em cinco diferentes estados Norte Americanos, com o objetivo de compreender se os estudantes usam a tecnologia e como a usam. Cerca de 93,4% destes alunos tem um computador pessoal. Apurou-se, igualmente, para que fins os alunos utilizam o computador e que tipo de aplicações mais usam nos mesmos: 99,5% afirmou usar o computador para escrever documentos e enviar e-mails; a seguir, 97,2% para navegar na internet e para prazer pessoal; de seguida, 96,4% afirmou utilizarem o computador para a realização de atividades académicas; por último, utilizam a tecnologia para criar e editar vídeo e áudio e para criar páginas na *Web*.

Este estudo também faz referência ao uso de horas excessiva dos computadores por parte dos alunos, sendo que a maior parte delas são usadas para a elaboração de trabalhos académicos. Da mesma forma, foram aferidos os níveis de literacia digital destes alunos em vários tipos de aplicações, entre as quais, o *E-mail*, *Messenger*, *Word*, Navegação na *Internet*, *PowerPoint*, *Excel*, *Photoshop*, *Flash*, programas de criação de páginas na *Web* como o *Dreamweaver* e *FrontPage*,

³⁷ SILVA, B., “A Tecnologia é uma Estratégia”, in DIAS, PAULO e FREITAS, CÂNDIDO (coord.), *Atas da II Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação*, Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho, p. 852.

³⁸ KVAKIK, Robert B., “Center for Applied Research and University of Minnesota, Twin Cities, EDUCAUSE” in OBLINGER, Diana G., OBLINGER James, L., *Educating the Net Generation*, Educause, 2005. Available electronically at www.educause.edu/educatingthenetgen/, pp. 83-87.

bem como programas de criação e edição de vídeo. Os resultados são surpreendentes: pois os alunos demonstraram competências digitais acima da média. Mas mais do que este fator, estes resultados demonstram uma forma de estar na vida: uma forma de vida que não pode ser indiferente aos olhos dos professores. Esta é a exigência silenciosa solicitada pelos alunos que, sem dúvida, nos aparece como o grande propulsor para a renovação pedagógica que se tem de levar a cabo. Mas então, o que é que os alunos pretendem? Os autores Diana Oblinger e James Oblinger fornecem-nos um retrato fidedigno com os resultados apurados dos inquéritos aos alunos neste relatório: “So what do Net Geners want from learning technology? Interactivity — whether it is with a computer, a professor, or a classmate. They want it; they crave it. Traditional lectures are not fulfilling the learning potential of typical students today. Distance education and online courses don’t work well with Net Geners — the social component of learning is required. As technology in the classroom progresses, more and more students are going to demand it be included. This will pose challenges, though”.³⁹ Os desafios lançados são vários, como já tivemos ocasião de mencionar alguns. Mas o verdadeiro desafio está para os professores que, necessariamente, terão de acompanhar o ritmo dos tempos e das novas gerações. Neste sentido, não só se afigura importante para o professor de filosofia o domínio das tecnologias de informação e comunicação mas, sobretudo, o domínio das práticas pedagógicas filosóficas integradas nas tecnologias de informação e comunicação. Este ponto representa uma das linhas centrais no estudo levado a cabo por Brito, Duarte e Baía, a propósito da formação de professores em TIC, uma vez que consideram essencial, para além da alfabetização informática, a da “integração curricular (disciplinar ou interdisciplinar), que parte dos problemas emergentes da epistemologia de cada disciplina e/ou das suas didáticas, procurando contextualizar o uso de ferramentas computacionais específicas para as diferentes áreas de saber...”.⁴⁰ Não basta uma utilização expositiva das tecnologias em sala de aula, pois essa situação aportaria aos moldes do ensino tradicional clássico, apenas revestido de outras formas, que em nada interessa ao ensino da filosofia. A conjugação da prática pedagógica filosófica com o prática tecnológica só fará sentido se for situada num conjunto de estratégias e métodos interativos bem definidos, isto é, que permitam aos professores interagirem com os alunos, os alunos com os professores e os alunos com outros alunos. Porém, tal não pode nem deve invalidar o processo criativo ou imaginativo que deve estar sempre presente nas aulas de filosofia. Pelo contrário, as tecnologias de informação e comunicação, através das suas várias formas, podem e devem fornecer novos discursos e linguagens, novas formas de pensar e de agir, por forma a desencadear o diálogo

³⁹ OBLINGER, Diana G., OBLINGER, James L., *Educating the Net Generation*, Educause, 2005. Available electronically at www.educause.edu/educatingthenetgen/. p.46.

⁴⁰ BRITO, Conceição; DUARTE, José; BAÍA, Mário, *As tecnologias de informação na formação quotidiana de professores: uma nova leitura da realidade*. Lisboa, Ministério da Educação, Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo, 2004, p. 8.

e pensamento crítico e reflexivo entre os intervenientes. Como referem os autores Diana Oblinger e James Oblinger, “To teach the Net Generation, therefore, requires the use of visual images in conjunction with text, a feat easily accomplished through animation and diagrams on the Web”.⁴¹ Neste sentido, o professor afigura-se como o elemento-chave para uma alteração das mentalidades em relação ao uso das tecnologias de informação e comunicação.

As autoras Maryana Barretô Pereira e Daiany Pereira de Jesus partilham da mesma opinião quando referem que o professor é a chave para uma alteração das mentalidades em relação à introdução e manuseio da tecnologia educativa em sala de aula. Defensoras da necessidade de formação inicial e contínua dos professores, as investigadoras consideram que as tecnologias vão “exigir das pessoas novas experiências para lidar com a informação, uma vez que a única chance que se tem para conseguir acompanhar o movimento do mundo é se adaptando à complexidade e às imposições das inovações tecnológicas”.⁴² O professor ocupa um papel estratégico nesta ação. Se o universo da informação “ampliou-se de maneira assustadora nas últimas décadas”, as tecnologias de informação e comunicação devem ser perspetivados como “uma forma de potencializar as interações presenciais que acontecem dentro da escola, possibilitando o rompimento de uma lógica curricular fechada e da relação tradicional entre professor-aluno”.⁴³

O lugar da filosofia no seio do mundo tecnológico ainda está muito longe daquilo que verdadeiramente pode oferecer. As tecnologias de informação e comunicação ainda ocupam pouco espaço no ensino e aprendizagem da filosofia. A maioria dos docentes de filosofia inquiridos não trabalham com a tecnologia educativa, ou quando trabalham, utilizam-na de forma expositiva e superficial. Em causa estão presentes alguns fatores, entre os quais, a falta de formação específica das TIC conjugada com o ensino específico da disciplina de filosofia. No entanto, não deixa de ser muito importante, senão mesmo incontornável, a exigência e apelo por parte dos alunos em relação ao uso apropriado e diferenciado das TIC nesta disciplina. Perante este cenário, torna-se urgente para o docente repensar toda a filosofia da educação que até agora tem sido porta-estandarte dos métodos educativos tradicionais, uma vez que se afigura primordial o rompimento da lógica curricular fechada e da relação tradicional entre professor e aluno. Como já tivemos ocasião de referir, a própria didática da filosofia remete o docente para uma nova forma de estar e de ser para o ensino da filosofia. Ao definir-se o ensino da filosofia como um conjunto de métodos e estratégias

⁴¹ OBLINGER, Diana G.; OBLINGER James L., *Educating the Net Generation*, Educause, 2005. Available electronically at www.educause.edu/educatingthenetgen/. p.61.

⁴² PEREIRA, Maryana B. & JESUS, Daiany P., “A Integração das Tecnologias Educacionais na Prática Docente: Principais Dificuldades e Atitudes Pedagógicas Inovadoras”, *V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade*, São Cristóvão-SE/Brasil, 21 a 23 de Setembro de 2011, pp. 1-10.

⁴³ IBIDEM.

que tem por finalidade promover no aluno um conjunto de competências que permita ao mesmo o desencadeamento do ato de filosofar, a introdução das tecnologias de informação e comunicação tem de seguir, coerentemente, o mesmo caminho, tal como as estratégias. Da mesma forma, mesmo que se conclua que somente através da didática da filosofia não seja motivo suficiente para a introdução das tecnologias educativas no ensino da filosofia, a vontade individual e coletiva dos alunos, aliada à força dos tempos, merecem uma criteriosa atenção, a ter muito em conta, por parte de todos os professores. Como refere António Nóvoa “Não haverá novos mundos, mais ou menos admiráveis, sem um esforço coletivo de pesquisa e reflexão, sem um aprofundamento da profissionalidade docente nas suas diversas dimensões, sem o desenvolvimento de um pensamento pedagógico crítico e informado”.⁴⁴

⁴⁴ NÓVOA, A., “Prefácio”, *apud* COSTA, F., PERALTA, H., VISEU, S., (org.), *As Tic na Educação em Portugal – Conceções e Práticas*, Porto, Porto Editora, 2007, pp.17-18.

3. Contexto de Intervenção

3.1. Desempenho Letivo e Prática Pedagógica

Iniciei o meu estágio profissional no Externato Ribadouro no princípio de fevereiro, tendo lecionado as aulas previstas e assistido a todas as aulas até ao fim do ano letivo. Os temas ministrados foram a Ação Humana e os Valores, incidindo no subtema Ética, Direito e Política e, ainda, parte da Dimensão Estética – Análise e compreensão da experiência estética, de acordo com o programa curricular de filosofia. Os subtemas trabalhados incluíram as ideias políticas, direito e ética segundo Aristóteles, Thomas Hobbes, John Locke e John Rawls; a Experiência e o Juízo Estéticos; A Criação Artísticas e a Obra de Arte, em que se trabalhou a Teoria da Forma Significante; por fim, foi trabalhado o tema da Arte: Produção e Consumo, Comunicação e Conhecimento. As planificações das aulas foram plenamente cumpridas, os métodos e estratégias foram meticulosamente executadas, sendo certo, porém, que algumas práticas sobressaíram em relação a outras, especialmente aquelas em que se utilizou a tecnologia educativa em sala de aula. Na certeza que as tecnologias de informação e comunicação em sala de aula constituem apenas um meio para se atingir um fim, apelou-se à diversificação de recursos para alcançar o sucesso da prática pedagógica, uma vez que a utilização da tecnologia impeliu e cativou a atenção dos alunos nas aulas de filosofia.

3.1.1. Enquadramento das planificações

Foram escolhidas duas planificações porque se considera que são as mais pertinentes tendo em conta a natureza de estudo deste relatório. As outras planificações estão incluídas no portefólio. Assim, neste relatório não foram colocadas quaisquer planificações referentes ao tema Ética, Direito e Política, em primeiro lugar, devido à falta de espaço tendo em conta os objetivos propostos para este trabalho; em segundo lugar, porque se pretende explorar mais o tema da Dimensão Estética, enquadradas com a tecnologia educativa. Contudo, nas aulas ministradas ao longo do ano, considera-se que se procuraram sempre formas diferentes de se ministrar as aulas, que apelaram à diversidade de recursos, materiais, estratégias, atividades e metodologias. Assim, através destas planificações, pode-se constatar as diferentes formas de trabalho como o vídeo projetor, o computador, o quadro interativo, colunas de som, *PowerPoint*, *Word*, filmes, pequenos vídeos, música de várias categorias, desenhos, imagens e fotografias diversas. Foi trabalhado o texto filosófico, recorrendo a livros filosóficos nas mais variadas temáticas. Trabalhou-se com o manual de filosofia, apostando na seleção dos melhores materiais, elaborando mapas conceptuais para os alunos, resumos e notas várias. Apostou-se em vários métodos de ensino conforme os temas e conteúdos de filosofia a trabalhar: o método expositivo, interrogativo e ativo.

3.1.2. Planificações

3.1.2.1. Planificação de Aula de Filosofia 4

(correspondente à sétima aula lecionada)

Tema: A Dimensão Estética – A arte – imitação ou criação?

Turma: 10º A4

Duração: 60 minutos

Data: 22 – Abril - 2013

Bloco 60 minutos	Competências Específicas / Objetivos	Conteúdos	Estratégias / Atividades	Recursos / Materiais	Avaliação
60 Minutos	O aluno deverá compreender e saber distinguir as diferentes concepções de arte, de acordo com a história.	1. A Dimensão Estética – A antiguidade Clássica, Idade Média e Idade Contemporânea.	1. Consolidação dos conteúdos abordados na aula anterior. Interação pergunta/resposta (Método Ativo e Expositivo).	<ul style="list-style-type: none">• Manual• Quadro/marcador• Computador• Projetor• PP	<ul style="list-style-type: none">• Observação de Postura e Comportamento.• Empenho e interesse na aula.• Participação oral e escrita.• Exploração de ideias.• Posicionamento crítico.
	O Aluno deverá compreender os diferentes movimentos artísticos do século XIX e XX.	2. Exposição dos movimentos e correntes artísticas da idade contemporânea: Realismo, Impressionismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo, Futurismo, Surrealismo, Pop Art e Minimalismo.	2. Exposição, através do PowerPoint, dos movimentos artísticos do século XIX e XX. (Método Expositivo e Ativo). Resolução de exercício.		

3.1.2.2. Planificação de Aula de Filosofia 5

(correspondente à nona aula lecionada)

Tema: A Dimensão Estética – A arte: produção e consumo, comunicação e conhecimento

Turma: 10º A4

Duração: 90 minutos

Data: 10 – Maio - 2013

Bloco 90 minutos	Competências Específicas / Objetivos	Conteúdos	Estratégias / Atividades	Recursos / Materiais	Avaliação
90 Minutos	O Aluno deverá, no final da aula, compreender a arte enquanto produção e consumo, comunicação e conhecimento.	1. A reprodução da arte, a arte como produto de mercado, os críticos de arte, a tecnologia e arte.	1. Exposição, através de PowerPoint, das características da arte no século XX e XXI: a arte perspectivada enquanto produção e consumo, comunicação e conhecimento. Visionamento de pequenos filmes: Euronews: arte e tecnologia; The Alchemy of Art; MTV-Arte e tecnologia. (Método Ativo, interrogativo e Expositivo).	<ul style="list-style-type: none">• Manual• Quadro/marcador• Computador• Projetor ou quadro interativo• PP• Colunas• Pequenos filmes.	<ul style="list-style-type: none">• Observação de Postura e Comportamento.• Empenho e interesse na aula.• Participação oral e escrita.• Exploração de ideias.• Posicionamento crítico.
	O Aluno deverá demonstrar que compreende a função da comunicação, conhecimento e libertação da arte	2. As novas formas da dimensão da arte: a arte como meio de conhecimento do homem, da vida e do mundo.	2. Leitura e análise de texto de Paul Klee Escritos sobre Arte. Realização de um exercício individual.		

3.1.3. Fundamentação Teórica das Aulas Tratadas

Através da descrição e análise de duas planificações de aula, pretende-se demonstrar a forma como foram trabalhados os temas da Dimensão Estética. Assim, não se abordará somente os temas e conteúdos ministrados, mas também os métodos empregues, as estratégias e os recursos tecnológicos utilizados. Como já foi referido, apelou-se ao tema da Dimensão Estética, dada a sua natureza visual e metafórica, para implementar as TIC em sala de aula, por forma a exponenciar os processos de ensino-aprendizagem em todas as suas grandes dimensões.

3.1.4. Quarta Planificação de Aula – Análise

Enquadrado no tema da Dimensão Estética – A antiguidade Clássica, Idade Média e Idade Contemporânea, a quarta planificação visou a exposição dos movimentos e correntes artísticas da idade contemporânea: Realismo, Impressionismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo, Futurismo, Surrealismo, Pop Art e Minimalismo. Quanto aos objetivos gerais, coube ao aluno compreender os diferentes movimentos artísticos do século XIX e XX. Para isso, utilizou-se um computador, o quadro interativo, colunas de som e o Powerpoint. Trabalhou-se afincadamente na análise de obras e artistas dos mais variados movimentos e correntes artísticas, consultando enclopédias de arte, selecionando os produtos artísticos que melhor conviessem para exploração pedagógica em sala de aula. Os *slides* em *PowerPoint*, bem como a utilização de *software* educativo de filosofia foram os meios privilegiados para se atingir os objetivos planeados. Mais uma vez, convém referir a grande contribuição das tecnologias de informação e comunicação para um tema tão específico e profundo como é o da Dimensão Estética. Uma exposição demasiado teórica e abstrata sobre um tema em que se tem de contemplar através dos sentidos e das emoções revela-se um empreendimento arriscado. Daí a necessidade de se ter recorrido a imagens de pinturas, esculturas, vídeos e músicas alusivas para exploração interativa dessas mesmas obras que, mais do que exigirem a simples compreensão cognitiva por parte do aluno, exigiram o vislumbre e a contemplação artística. Por isso, recolheu-se material de primeira qualidade, de resolução auditiva e visual elevada, por forma a que fosse facultada a melhor das experiências possíveis ao alunos em sala de aula. Esta situação pressupõe a convicção firme de que, em temas de carácter opcional como sendo as da Religião ou Estética se afiguram indispensáveis para uma boa utilização da tecnologia em sala de aula. O método utilizado foi expositivo, ativo e interrogativo, uma vez que, após se expor uma ou mais obras de determinado movimento artístico, solicitou-se aos alunos para tentarem descrever as obras de arte com base nos elementos físicos presentes nas obras. Desta forma, abordaram-se os seguintes movimentos artísticos em sala recorrendo às seguintes obras:

Realismo: A arte como denúncia social. A Arte deve dizer a verdade. Retrata a realidade de forma objetiva. Necessidade de retratar a vida, os problemas e costumes das classes média e baixa. Obras analisadas em sala de aula: Gustave Courbet 1819-1877: *Os Picadores de Pedra*, de 1849-1850 e Édouard Manet – 1832 – 1883 *O Bebedor de Absinto*.

Impressionismo: A arte pela arte. A arte deve deleitar. **É uma tentativa de fixar a impressão causada pelo objeto no sujeito, e não o objeto em si. As obras impressionistas são pinturas “amáveis”, ligeiras, plena de luz e de cor. Obras utilizadas:** *The Stroll*, Camille Monet and her Son, 1875; *Impressão: Nascer do Sol*, de Claude Monet – 1872.

Expressionismo: A arte como expressão de emoções. O movimento surge como uma reação ao positivismo associado aos movimentos impressionista e naturalista, propondo uma arte pessoal e intuitiva, onde predominasse a visão interior do artista – a “expressão” – em oposição à mera observação da realidade – a “impressão”. O expressionismo compreende a deformação da realidade para expressar de forma subjetiva a natureza e o ser humano, dando primazia à expressão de sentimentos em relação à **simples descrição objetiva** da realidade. O Expressionismo trata de temáticas da solidão e da miséria, da angústia e ansiedade, defendendo a liberdade individual, o primado da subjetividade, o irracionalismo, o arrebatamento e os temas proibidos – o excitante, diabólico, sexual, fantástico ou perverso (A propósito do expressionismo, foi trabalhado o visionamento do filme Modigliani – Paixão pela vida, conforme o Anexo II).

Obras utilizadas: *El paseo por Andalucia 1746-1828* e *El sueño de la razon produce monstros* de Francisco José de Goya e *Los Caprichos; O Grito – 1893*, de Edvard Munch e Vincent Van Gogh – *A Noite Estrelada*, de 1889.

Cubismo: Demonstra os objetos escolhidos em cubos. Ausência de perspectiva e impossibilidade de determinar o movimento. O cubismo renuncia à perspectiva e aos princípios tradicionais da representação tridimensional. Formas geométricas e fragmentadas invadem as composições, multiplicando-se as possibilidades de perspectiva e Geometrização das formas e volumes; Renúncia à perspectiva. Sensação de pintura escultórica.

Obras analisadas: *Les Demoiselles d’Avignon*, de Pablo Picasso – 1907; Juan Gris: *Homem no café*, obra de 1914.

Dadaísmo: Atitude anti-arte e anti-estética, que enfatiza o ilógico e o absurdo. Marca o **non-sense ou falta de sentido que pode ter a linguagem (como na fala de um bebê). O dadaísmo foi um movimento com forte conteúdo anárquico. O artista não é aquele que pinta ou esculpe, mas o que escolhe um objeto, o que se apropria de algo já feito. Obras Analisadas em sala de aula: A Fonte**, de Marcel Duchamp e traços da obra de Tristan Tzara.

Futurismo: Exaltação da velocidade, da ação, da energia e da força, elogiando o progresso e a máquina. **É, portanto, a exaltação da velocidade, da energia e da força a par de uma crença no progresso científico-tecnológico. Contesta o sentimentalismo e exalta o homem de ação. Autores analisados: Filippo Marinetti 1929 por E. Pampolini e Almada Negreiros, através da obra A partida dos emigrantes, de 1947-49.**

Surrealismo: Investiga e transporta para a arte o mundo dos sonhos e do subconsciente. Evoca o caos, elementos incongruentes, o absurdo e o ilógico, metamorfoses, exaltação da libido. Análise de *A Persistência da Memória* 1931, *Sleep* e *A Face da Guerra*, de Salvador Dalí. *Golconda*, *Decalcomania* de René Magritte.

Pop Art: Exaltação dos ícones da sociedade de consumo e da produção em série. Os objetos perdem o seu caráter de unicidade para serem pensados como produtos em série. Defendem uma arte efêmera, popular, barata, produzida em série, jovem e engenhosa. Autores analisados: Andy Warhol 1928 – 1987.

Minimalismo: Ausência de conteúdo formal e utilização mínima de materiais. Arte do silêncio. O termo minimalismo remete para “conteúdos artísticos mínimos”. Privilegia os espaços amplos e livres, as cores neutras e ténues. Autores analisados: Kazimir Malevich – *Quadro negro sobre fundo branco*, de 1913-1915 e Carl Andre, 1935, *Roma VI* (1997) e *Equivalent VIII* (1996).

Como já foi referido, utilizaram-se os seguintes materiais para se atingir os objetivos propostos na planificação: projetor, computador, PowerPoint, colunas de som e manual de filosofia. Não seria possível para os alunos compreenderem plenamente as diferentes concepções de arte se se tivesse optado por uma simples exposição da matéria pelos métodos tradicionais da oralidade ou da escrita. Aliás, o acontecimento da experiência estética não se coaduna com este método. Isto porque a estética obedece a outras linguagens não convencionais que, tal como Deleuze referiu, opera “por perceptos e afetos”.⁴⁵ Por outras palavras, os seres da sensação pressupõem a contemplação e o vislumbre da obra de arte em si, daí a necessidade de se operar através da imagem e o som, recorrendo, para isso, à ajuda das tecnologias de informação e comunicação em sala de aula.

Neste sentido, procurou-se, através do recurso à imagem e som, proporcionar a experiência alimentadora de sentido aos alunos, por forma a que estes pudessem compreender os diversos fenómenos artísticos vanguardistas dos séculos XIX e XX. Aos alunos, solicitou-se uma atitude contemplativa das obras de arte, da mesma forma que se incitou uma narração personalizada da experiência estética de cada um, a partir da visionamento das obras de arte. As experiências narradas pelos alunos foram diversas e algumas bastante contraditórias entre si, situação ideal para compreenderem alguns aspetos da reflexão filosófica mais teórica no campo da estética, nomeadamente o que Kant pretendeu dizer com o “subjetivismo estético” e Platão, com o “Objetivismo Estético”. A envolvimento dos alunos nesta aula foi muito interessante, e a discussão

⁴⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F., *O Que é a Filosofia?*, p.59.

promovida pelas imagens das diferentes obras de arte conduziram a uma elevação da aprendizagem que, sem o recurso às TIC, não teria sido possível.

3.1.5. Quinta Planificação de Aula – Análise

A planificação número cinco, que corresponde à nona aula lecionada em que esteve presente o supervisor de estágio, foi também uma das aulas mais interessantes. O tema foi a da A Dimensão Estética – A arte: produção e consumo, comunicação e conhecimento. Os conteúdos abordados foram: A Reprodução da Arte; A Arte como Produto de Mercado; Os Críticos de Arte: A Tecnologia e *Art*. No segundo momento da aula: As Novas Formas da Dimensão da Arte: a arte como meio de conhecimento do homem, da vida e do mundo. A estratégia utilizada foi a exposição, através de *PowerPoint*, das características da arte no século XX e XXI: a arte perspectivada enquanto produção e consumo, comunicação e conhecimento. Para isso, recorreu-se ao visionamento de pequenos filmes: reportagem da *Euronews: arte e tecnologia*; *The Alchemy of Art*; *MTV-Arte e tecnologia*, e alguns vídeos do *Harlem Shake* (Método Ativo, interrogativo e Expositivo) e, por fim, a leitura e análise de texto de Paul Klee *Escritos sobre Arte*. Os recursos utilizados em sala de aula foram: o manual de filosofia; quadro/marcador; computador; projetor; PP; colunas e pequenos filmes provenientes do *Youtube*. Com esta aula encerrou-se o capítulo da Dimensão Estética. Através do recurso a imagens, pequenos vídeos e som, solicitou-se o envolvimento dos alunos na discussão crítica e reflexiva de conceitos fundamentais como a arte, a reprodução de arte, a arte como produto de mercado, a crítica e os críticos de arte, o papel do *Design* e, por fim, o tema de Tecnologia e arte. Utilizou-se um *PowerPoint* para seguir uma cronologia em torno destes temas, com imagens e fotografias para análise e vídeos que complementaram a matéria. Através da observação direta, foi possível constatar que os alunos compreenderam que um outro aspeto da arte atual é a da industrialização da estética que trouxe consigo a ampliação do conceito de arte e de artista. O *design* industrial abriu novas fronteiras à arte e esta irrompeu em novos modos de representação e expressão. A arte e a tecnologia estão intimamente ligadas. Novos materiais como o betão, o vidro, o plástico, trouxeram novas possibilidades de criação e de aplicação, bem visível, por exemplo, nas novas formas arrojadas na arquitetura. Por outro lado, o desenvolvimento da informática trouxe ao *design*, por exemplo, uma nova vertente que até então se desconhecia, industrializou-o, tornando-o mais acessível e mais perto de todos e, conseqüentemente, mais barato. Assim, a arte contemporânea ganhou novas formas, novos conceitos, novas aplicações, novos materiais, novos artistas e “artes” renovadas. Foram assim utilizados vídeo e música em sala de aula para se demonstrar estas novas tendências em relação à arte e tecnologia, como a do documentário da *Euronews: arte e tecnologia*, que fala do casamento da arte e tecnologia através do uso de novos materiais acima referidos, o vídeo *The Alchemy of Art*, onde demonstra o casamento artístico

entre o homem e tecnologia, o virtual e o real, por forma a que os alunos compreendessem que a tecnologia não é só sinónimo de progresso, que no mundo da arte é arquétipo de criação e recriação de expressões e de discursos artísticos e, mais importante, de novas formas de comunicação entre o artista e o espetador. As tecnologias de informação e comunicação, sem dúvida, constituem uma nova plataforma que exponencia a comunicação, através, por exemplo, das redes sociais e outras, como também é um meio pela qual se fabricam novas linguagens e discursos, como a que se demonstra através do vídeo que se estatuiu como um fenómeno viral da internet, o *Harlem Shake* ou o *Gangnam Style*. O visionamento do *Harlem Shake* em sala de aula foi, sem dúvida, a apoteose da mesma, pois os alunos divertiram-se muito através dele, desencadeando a discussão crítica e reflexiva. Mas nem por isso o visionamento de um conjunto de *takes* deste vídeo foi merecedor de uma análise filosófica em torno da dimensão e fenómeno estético, como a constatação de elementos apolíneos e dionísios da obra “A origem da Tragédia” de Friedrich Nietzsche para os quais o seu conteúdo apelava. Para concluir a aula, foi feita a leitura de um texto filosófico de Paul Klee, *Escritos sobre a arte* (disponível como anexo II), procedendo-se ao esclarecimento de dúvidas dos principais conceitos do texto, bem como a sua análise de sentido, remetendo para trabalho de casa uma leitura em silêncio por forma a desenvolver uma reflexão crítica do mesmo. Nesta aula, cumpriu-se integralmente a planificação e os objetivos da mesma foram atingidos pelos alunos com sucesso. A interação aluno e professor foi bem conseguida, tal como foi o entusiasmo, atenção e dedicação dos alunos, que ajudaram o professor a atingir os seus propósitos. Mais uma vez, o professor poderá conseguir ser um bom e-mediador se conseguir utilizar a tecnologia educativa existente para benefício dos alunos e do sucesso da aula, situação que só é possível mediante uma boa planificação, que requer trabalho e paciência, dedicação e grande determinação. Constatou-se, igualmente, que as tecnologias de informação e comunicação cativaram a atenção dos alunos, promovendo a sua participação e interesse e, desta forma, a discussão crítica dos temas e conteúdos abordados. Neste quadro, o professor não pode ter receio de não saber trabalhar com a tecnologia em sala de aula, situação que é bastante comum entre os professores. Dependendo da forma como se vislumbra os alunos, eles poderão constituir-se como eternos aliados do docente. Afigura-se indispensável, para o professor, uma cultura diferente, uma forma de estar e de ser diferente dos padrões clássicos de ensino, bem como uma vontade incessante em querer fazer coisas diferentes em sala de aula, sem que estas ações perturbem a aprendizagem dos alunos e a qualidade da educação. Se as tecnologias fazem parte da realidade da maior parte dos alunos, então é dever do professor inteirar-se sobre elas por forma a compreender melhor aquilo que pode ensinar e como pode ensinar com os seus múltiplos e por vezes controversos recursos.

3.1.6. Avaliação da Intervenção

No meu estágio profissional, foram trabalhados dois grandes temas do programa curricular de filosofia: a Ação humana e os Valores, nomeadamente o subtema Ética, Direito e Política e o tema da Dimensão Estética – análise e compreensão da experiência estética. As problemáticas trabalhadas prenderam-se com as teorias da política, direito e ética segundo Aristóteles, Thomas Hobbes, John Locke e John Rawls; a Experiência e o Juízo Estéticos; A Criação Artística e a Obra de Arte, em que se trabalhou a Teoria da Forma Significante; e, por fim, foi trabalhado o tema da Arte: Produção e Consumo, Comunicação e Conhecimento. Considero, no cômputo global, que a intervenção pedagógica levada a cabo ao longo de todo o percurso foi muito positiva. As planificações traduzem, na íntegra, aquilo que ocorreu em cada aula. Uma boa planificação pressupõe muito trabalho de casa, mas esse é o caminho a percorrer para um professor desempenhar de forma adequada o seu trabalho: com entrega, dedicação, paixão e atenção ao aluno e ao mundo em geral. Não é fácil ensinar a disciplina de filosofia: em primeiro lugar, pela variedade e complexidade dos temas e conteúdos. Em segundo lugar, porque esta disciplina exige ao professor manter-se sempre a par com as novidades, com a literatura, com o cinema, o teatro, a política, a ciência, as artes, o pensamento contemporâneo, a tecnologia em geral. Em terceiro lugar, a conjugação destas duas vertentes valerão pouco ao professor se não for apoiado por uma didática. No meu caso, sempre procurei formas e métodos pedagógicos para que o aluno, por ele mesmo, pudesse desenvolver o ato de filosofar. Procurei, em todos os momentos, dentro ou fora da aula, ir ao encontro das finalidades da disciplina de filosofia, tal como nos é apresentado no Programa de Filosofia⁴⁶, proporcionando aos alunos os instrumentos necessários para o exercício pessoal da razão, para a formulação de um projeto de vida próprio, para o desenvolvimento de um pensamento ético-político e o desenvolvimento da sensibilidade cultural e estética, instrumentos tão necessários para fundamentar uma tomada de posição sobre o sentido da existência individual. Procurei apelar à diversidade de recursos didáticos em sala de aula, bem como aos materiais, estratégias, atividades e metodologias. Procurei fazer uso das tecnologias em sala de aula por forma a variar as estratégias, os pontos de vista e a experiência individual e coletiva dos alunos. Empreguei várias metodologias, como a expositiva, a ativa e a interrogativa. É certo que algumas aulas correram melhor que outras, fruto de alguma inexperiência na lecionação da disciplina de filosofia e, com certeza, se fosse hoje, provavelmente alteraria a forma como foi ministrada uma ou outra aula.

Em relação à avaliação pedagógica dos alunos, não me coube a responsabilidade da elaboração de qualquer exame sumativo, por vontade da orientadora de estágio. Todavia, uma vez que a avaliação

⁴⁶ ALMEIDA, M. M. B. de (Coord.), *Programa de Filosofia do 10º e 11º Anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*, Lisboa, Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário, 2001, p. 8.

é contínua, procurei sempre acompanhar todos os momentos e atividades dos alunos, estando atento ao desenvolvimento das competências do saber ser e saber fazer, bem como, do pensamento crítico e criativo dos mesmos. Nas diversas atividades pedagógicas trabalhadas em sala, recorri a mapas de observação direta para registar diferentes domínios de avaliação dos alunos, como o domínio cognitivo, comportamental, grau de participação, interesse, assiduidade e pontualidade (Anexo IV). Da mesma forma, recolheram-se textos e atividades em grupo que foram avaliadas segundo determinados critérios. Procurou-se, desde sempre, a imparcialidade no ato de avaliar, recorrendo não só à observação, como as intervenções orais, as produções escritas, as composições filosóficas, entre outras fontes. Neste sentido, foram fornecidas instruções claras aos alunos para a realização das tarefas e critérios precisos para a apreciação dos resultados, seguindo as recomendações do programa de filosofia⁴⁷, tendo uma postura atenta às competências e às atividades, diagnóstica e prognóstica, democrática e participada, percorrendo uma linha de ação predominantemente formativa, qualitativa e sumativa, enquadradas no Projeto Educativo do Externato Ribadouro e também nos princípios orientadores das modalidades de avaliação previstas no *Diário da República, 1.ª série — N.º 129 — 5 de julho de 2012*, que contém a revisão da estrutura curricular.

4. Inquéritos

Por forma a complementar o estágio profissional e aprofundar o tema das TIC no Ensino da Filosofia, recorreu-se à aplicação de inquéritos a estudantes e professores de filosofia do ensino secundário. Através dos resultados obtidos, pretende-se aferir a utilização das TIC no ensino da filosofia, tanto nos professores como nos alunos. No primeiro caso, os alunos, pretende-se aferir os índices de utilização e satisfação das TIC no ensino da Filosofia. No segundo caso, pretende-se diagnosticar se os professores de filosofia utilizam as TIC no Ensino da filosofia e como as utilizam. Ao contrário do que foi previsto no Plano de Intervenção Pedagógica, as escolas selecionadas para levar a cabo a aplicação dos inquéritos aos professores, por motivos de ordem logística, não se concretizaram. Assim, os inquéritos aos docentes foram aplicados na Escola Secundária Soares Basto, em Oliveira de Azeméis, e no Externato Ribadouro⁴⁸, no Porto, entre os meses de Março a Junho de 2013, tendo-se recolhido um total de dez inquéritos.

Em relação aos alunos, os inquéritos foram aplicados a duas turmas no dia 12 de Março e dia 15 de Março de 2013. De duas turmas, só 39 alunos responderam aos inquéritos, uma vez que,

⁴⁷ ALMEIDA, M. M. B. de (Coord.), *Programa de Filosofia do 10º e 11º Anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*, Lisboa, Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário, 2001, p. 22.

⁴⁸ Projeto Educativo do Externato Ribadouro disponível em: <http://www.ribadouro.com/docs/ProjectoEducativo2012.pdf>.

entretanto, alguns deles ausentaram-se para visitas de estudo ao estrangeiro. A média de idade dos alunos é de 15 anos, sendo que 28 são rapazes e 23 são raparigas.

De seguida, apresentaremos os respetivos dados recolhidos nos inquéritos. Os inquéritos que foram aplicados, tanto para professores e alunos, estão disponíveis nos anexos V e VI.

4.1. Inquéritos Realizados aos Alunos

1 - Utilizas um computador no teu dia a dia? (casa, escola, tempos livres?) Por favor, responde com um X a resposta certa. Sim__Não__.



Gráfico 1

A primeira questão pretende averiguar o grau de familiarização dos alunos face à utilização de computadores no seu dia a dia. Podemos observar que quase todos os alunos (97%) utilizam um computador. Dada a pergunta generalista, não se pode apurar se os alunos utilizam somente o computador em casa, na escola ou nos tempos livres.

2 - Utilizas o teu computador pessoal ou qualquer outro computador na escola? Sim__ Não__.



Gráfico 2

A segunda questão é uma pergunta direta, que pretende averiguar o grau de utilização do computador por parte dos alunos na escola. Podemos observar que 62% dos alunos responderam que não utilizam o computador pessoal ou qualquer outro computador na escola e que 38% dos alunos responderam que sim.

3 - Já tiveste aulas de filosofia em que fosse utilizado o computador? Sim __ Não __.



Gráfico 3

A terceira questão entronca na nossa área de estudo, que é precisamente as TIC no ensino da filosofia. A questão, ainda que elaborada de uma forma geral, porque não distingue se a utilização do computador é da parte do professor ou do aluno, evidencia que 59% dos alunos frequentou aulas de filosofia onde foi utilizado o computador, contra 41% dos alunos, que nunca frequentou aulas de filosofia com recurso ao mesmo.

3.1 - Se respondeste sim na pergunta anterior, indica o que fizeste com o computador (por exemplo, pesquisa na internet, trabalhos em Word; Powerpoint; podes indicar o que quiseres).

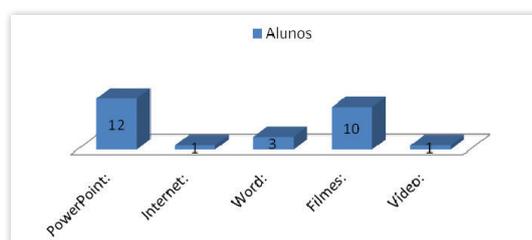


Gráfico 4

Dando seguimento à pergunta anterior, esta questão procura saber em concreto que tipo de recursos foram utilizados nas aulas de filosofia. Tendo em linha de conta que a questão é meramente qualitativa, procurou-se diagnosticar as palavras-chave das respostas. Obteve-se, assim, os seguintes recursos: *Powerpoint*, *Internet*, *Word*, *Filmes* e *Vídeo*. Entendemos por bem não juntar recursos como o vídeo e o filme, uma vez que o vídeo poderá ser de natureza diferente de um filme (por exemplo, um *clip* musical, documentário ou um vídeo de curta duração). Através do gráfico 4, podemos confirmar que os recursos mais utilizados na disciplina de filosofia foram: em primeiro lugar, o *PowerPoint*; em segundo lugar, filmes; em terceiro lugar, a utilização do *Word* e, por último, o vídeo e a *internet*.

3.2 - Qual a apreciação que fazes dessa utilização? Assinala com um X todas as situações que consideres relevantes.



Gráfico 5

A questão 3.2 procura retirar uma apreciação intersubjetiva que os alunos tiveram em relação aos recursos utilizados na disciplina de filosofia. De um conjunto de opções que entendemos serem indicadas, destaca-se, em primeiro lugar, que através da utilização das TIC na disciplina de filosofia, os alunos ficam mais motivados para a aula; em segundo lugar, através da utilização dos recursos digitais, os alunos consideram que o ambiente da sala de aula torna-se melhor; em terceiro lugar, aprendem melhor a matéria de filosofia. Por outro lado, com um peso muito menos significativo, 5 alunos consideram que através do recurso às TIC perde-se muito tempo em sala de aula; 4 alunos consideram que preferem ter aulas de filosofia sem recurso às tecnologias de informação e comunicação, enquanto que 3 alunos consideram que as TIC promove um ambiente confuso.

4 - Já tiveste aulas em que fosse utilizado um quadro interativo? Assinala com um X todas as situações que consideres relevantes.



Gráfico 6

Através da gráfico 6, de 39 inquéritos aplicados, 35 alunos responderam que já foi utilizado um quadro interativo nas aulas de filosofia. Das seis opções de escolha para responder a esta questão, é notório que, através do quadro interativo, os alunos consideram ficar mais motivados para a aula. De seguida e em simultâneo, os alunos consideram que através do quadro interativo aprendem melhor a matéria de filosofia e o ambiente da sala de aula torna-se melhor. Por outro lado,

alguns alunos (4) indicaram que o quadro interativo faz perder muito tempo em sala, enquanto que 1 aluno indicou que o quadro interativo pode tornar o ambiente confuso. De salientar, de resto, que nenhum aluno optou por escolher que preferiria aulas clássicas em relação às aulas com o quadro interativo.

5 - Já tiveste aulas em que fosse utilizado um projetor (Data show)? Assinala com um X todas as situações que consideres relevante.

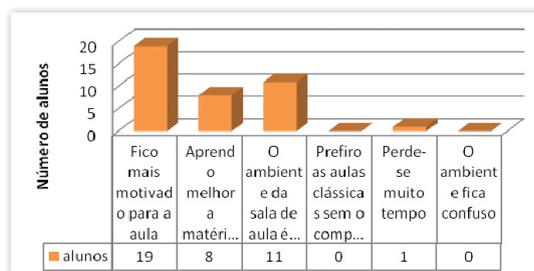


Gráfico 7

Todos os 39 alunos responderam que já foi utilizado um *DataShow* nas aulas de filosofia. Mais uma vez, das seis opções de escolha, os alunos entenderam que através do *DataShow* ficam mais motivados para a aula. Da mesma maneira, consideram que o *DataShow* melhora o ambiente da sala e que aprendem melhor a matéria de filosofia. Das três restantes opções, só por uma vez foi escolhido que através do *DataShow* se perde muito tempo.

6 - Indica a frequência de utilização de TIC e ferramentas informáticas em sala de aula, usando a escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “Nunca” e 5 significa “Sempre” (desenha um círculo à volta do número que consideres adequado).

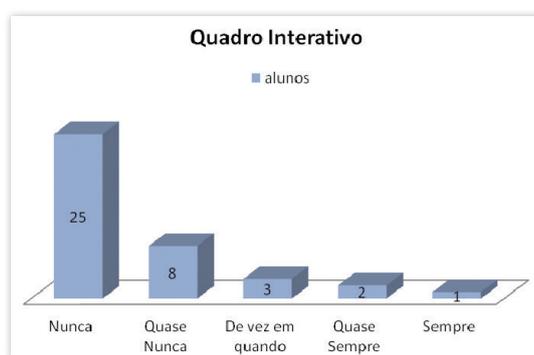


Gráfico 8

Para tentar determinar a frequência de utilização das TIC na disciplina de filosofia, os alunos foram convidados a usar uma escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “nunca” e 5 significa “sempre”. Na questão seis do inquérito aplicado, procurou-se determinar o grau de utilização do

quadro interativo, *DataShow*, *Internet*, *PowerPoint* e *Software* específico na disciplina de filosofia. Através da leitura do gráfico 8, começando com o quadro interativo, podemos constatar que em 39 alunos, 25 responderam que nunca usaram ou trabalharam com o quadro interativo; 8 alunos quase nunca trabalharam ou usaram um quadro interativo; 3 alunos utilizaram um quadro interativo de vez em quando; 2 alunos trabalharam com um quase sempre e só 1 aluno trabalhou e utilizou um quadro interativo sempre.

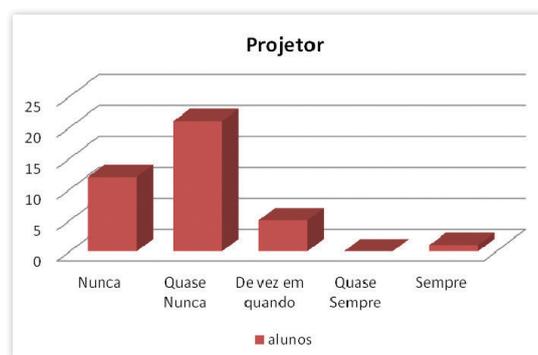


Gráfico 9

Em relação ao *DataShow*, cerca de 11 alunos declararam nunca terem trabalhado com recurso ao VídeoProjektor. Cerca de 19 alunos quase nunca trabalharam com um e 3 alunos afirmam terem trabalhado de vez em quando. Só um aluno indicou ter trabalhado sempre nas aulas de filosofia com recurso ao *DataShow*.

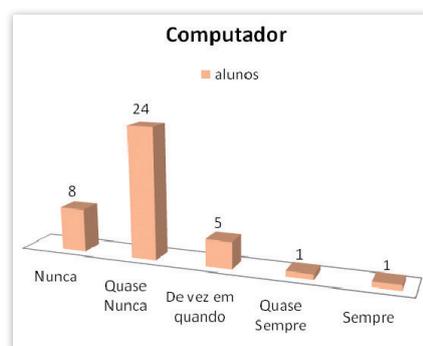


Gráfico 10

Em relação ao computador, 8 alunos indicam nunca terem trabalhado com um nas aulas de filosofia. De acordo com gráfico 10, 24 alunos afirmam quase nunca terem trabalhado com um computador na disciplina de filosofia. Só cinco alunos indicam terem trabalhado com um computador de vez em quando e, simultaneamente, 1 aluno afirma ter utilizado quase sempre um computador e outro aluno indica ter utilizado sempre um computador nas aulas de filosofia.

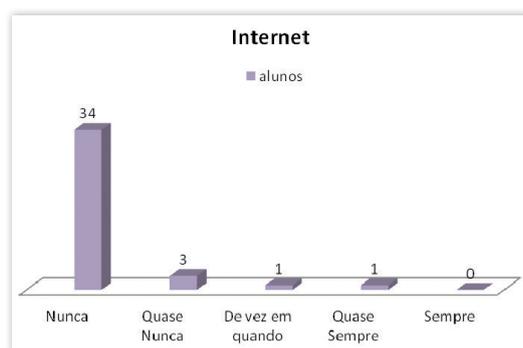


Gráfico 11

De acordo com os dados do gráfico 11, podemos constatar que, numa amostra de 39 alunos (duas turmas), 34 alunos nunca acederam à internet nas aulas de filosofia. Este número representa 87% do universo de alunos que responderam ao inquérito. Continuando a leitura dos dados, 3 alunos referem que quase nunca tiveram acesso à internet na disciplina de filosofia, 1 aluno indica que já trabalhou através da internet de vez em quando e outro aluno respondeu quase sempre ter trabalhado com internet nas aulas de filosofia.

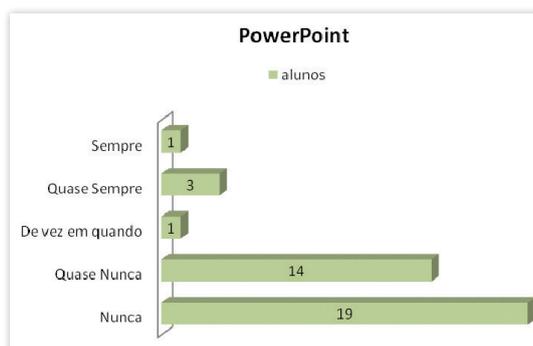


Gráfico 12

Em relação ao *PowerPoint*, de acordo com o gráfico 12 e numa amostra de 39 alunos, 19 afirmam nunca terem utilizado um *PowerPoint* nas aulas de filosofia, enquanto que 14 alunos afirmam quase nunca terem trabalhado com a ferramenta de *Office*. Por outro lado, 1 aluno respondeu que já utilizou a ferramenta de vez em quando, 3 alunos trabalharam com o mesmo quase sempre e só um aluno afirma ter trabalhado sempre com o *PowerPoint* nas aulas de filosofia.

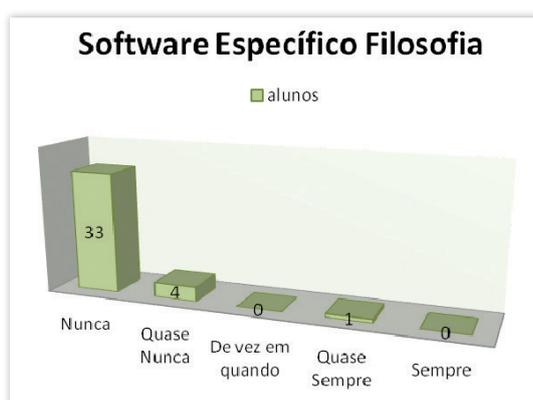


Gráfico 13

Em relação ao *Software* Específico da disciplina de filosofia, de acordo com o gráfico 13, podemos constatar que 33 alunos afirmam nunca terem trabalhado com algum *software* específico da disciplina de filosofia. Mais uma vez, tal como em relação ao uso da *internet*, 87% dos alunos inquiridos afirma nunca terem trabalhado com um *software* específico. Das restantes opções, só um aluno afirma ter trabalhado quase sempre com um *software* adequado, enquanto que os restantes quatro alunos afirmam quase nunca terem trabalhado com qualquer tipo de software específico da disciplina.

7 - Usando a escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “Não gosto ” e 5 significa “Gosto Muito”, como classificas o teu “gosto” pela disciplina de filosofia? (desenha um círculo à volta do número que consideres adequado).



Gráfico 14

A questão número sete afasta-se um pouco do âmbito das tecnologias de informação e comunicação nas aulas de filosofia, para validar o “gosto” que o aluno tem pela disciplina de filosofia. De acordo com o gráfico 14, num total de 39 alunos inquiridos, 5 alunos responderam que gostam muito da disciplina de filosofia; 16 alunos afirmam gostar da disciplina; 14 alunos indicam que a disciplina de filosofia é suficiente, isto é, não gostam nem desgostam; 4 alunos responderam que gostam pouco e nenhum aluno respondeu que não gostava. Em termos percentuais, poderemos concluir que os alunos gostam da disciplina de filosofia, porque 41% dos alunos afirma que gostam da disciplina, 13% afirma que gostam muito e 36% responderam que a disciplina de filosofia é “suficiente”. Só dez por cento dos alunos inquiridos afirma que não gostam da disciplina de filosofia.

A questão 7.1 do inquérito solicita ao aluno para explicar a razão da sua escolha da questão anterior. As palavras-chave positivas evidenciadas são as seguintes:

A filosofia é um disciplina que fomenta o desenvolvimento de “pontos de vista apelativos da vida”, promovendo a “reflexão crítica” e o pensamento individual (9 alunos). Consideram a filosofia como uma “disciplina interessante” (8 alunos), “incentivadora e cativante” (5 alunos), caraterísticas fundamentais que faz com que 6 alunos indiquem que “gostam muito da disciplina”.

Quanto aos aspetos negativos, as palavras-chave incidiram no seguinte: 3 alunos afirmam que a matéria lecionada nas aulas “não interessa muito”; 2 alunos indicam que “a disciplina é muito complexa, difícil de entender e dominar”; 2 alunos referem que a disciplina de filosofia é “diferente”; 2 alunos revelam que a disciplina de filosofia “não interessa muito”; 1 aluno refere que “tinha expectativas mais altas” em relação à mesma; 1 aluno diz que “não se sente motivado”, enquanto que 1 aluno refere que a disciplina é um “pouco aborrecida”.

8-Na tua opinião, em que medida as TIC é uma vantagem ou desvantagem para as aulas de filosofia? Usando a escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “Nunca” e 5 significa “Sempre”, desenha um círculo à volta do número que consideres adequado.

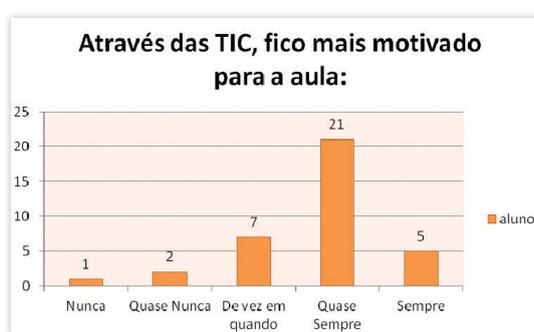


Gráfico 15

De 36 alunos que responderam a esta questão, 21 alunos responderam que, através das TIC, ficam mais motivados para a aula. Este número corresponde a 58% dos alunos de duas turmas. Quanto aos que responderam sempre (5 alunos) equivale a 14% do total de duas turmas. Por outro lado, 7 alunos responderam que, com as TIC, só de vez em quando ficam mais motivados para a aula (19%). Dois alunos responderam que quase nunca ficam mais motivados e um aluno refere que nunca fica mais motivado. Em termos percentuais, quanto ao primeiro caso é de 6% e o último caso é de 3%.

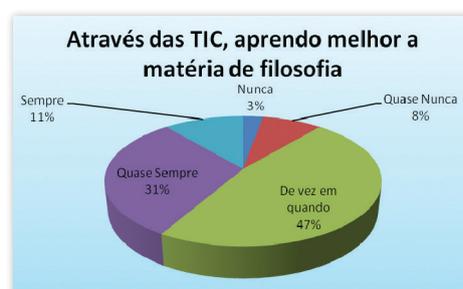


Gráfico 16

Em relação ao gráfico 16, inquiriu-se os alunos se consideram que, através das TIC, aprendem melhor a matéria de filosofia. A posição de conjunto é diferente do gráfico anterior, pois 47% dos alunos afirma que só de vez em quando aprende melhor a matéria de filosofia, enquanto que 31% refere que aprende quase sempre. No conjunto das duas turmas, 11% refere que aprende sempre. Por outro lado, 8% dos alunos afirma que através do recurso às TIC não aprendem melhor a matéria, enquanto que 3% afirma que não aprende nada.

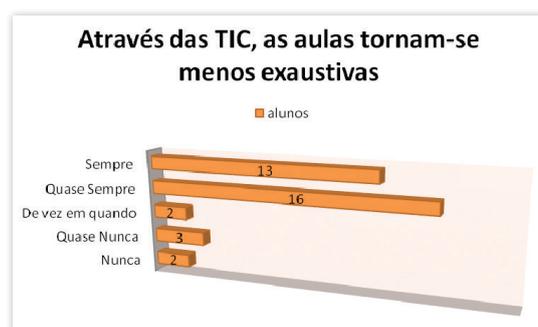


Gráfico 17

O gráfico 17 revela que as TIC podem tornar as aulas de filosofia menos exaustivas. De 36 alunos de duas turmas que responderam a esta questão, 16 alunos referem que através das TIC as aulas quase sempre tornam-se menos exaustivas, enquanto que 13 alunos afirmam que, quando são utilizadas as tecnologias nas aulas, nunca se tornam exaustivas. Se combinarmos estes primeiros dados, podemos dizer que 80% dos alunos de duas turmas considera que as TIC poderão tornar as aulas de filosofia menos exaustivas. Por outro lado, 20% dos alunos afirma que as TIC poderão tornar “mais ou menos” as aulas de filosofia menos exaustivas (2 alunos), quase nunca (3 alunos) e nunca (2 alunos).

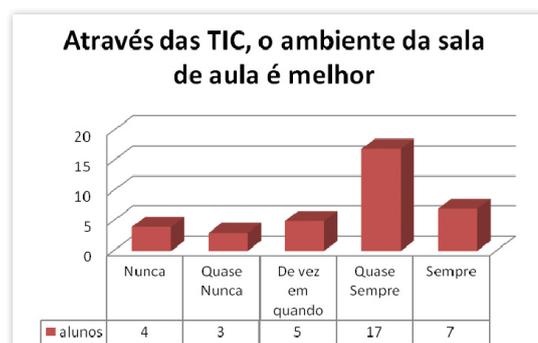


Gráfico 18

Em 36 alunos que responderam a esta questão, 17 afirmam que o ambiente da sala de aula é melhor quando se utilizam as tecnologias de informação e comunicação, enquanto que 7 defendem que o ambiente da sala de aula melhora sempre quando são utilizados os recursos tecnológicos. Por outro lado, 5 alunos responderam que só de vez em quando as TIC melhoram o ambiente da sala de aula, enquanto que 3 afirmam quase nunca e 4 alunos defendem que as TIC nunca melhoram o ambiente da sala de aula.

9 - Na tua opinião, qual ou quais o(s) recurso(s) didático(s) que seria(m) mais importante (s) para ser utilizado na disciplina de filosofia? Porquê?

A questão número nove é uma pergunta qualitativa. Procurou-se saber quais os recursos didáticos que os alunos mais apreciariam na disciplina de filosofia. Embora se tenha convidado os alunos a justificar a sua resposta, só dois tentaram justificar as suas escolhas. Os alunos tanto optaram por selecionar os meios tecnológicos que seriam mais adequados para a aula de filosofia, como selecionaram os recursos mais apropriados. Desta forma, a escolha mais evidenciada coube ao computador (9 alunos), sendo que 10 alunos apreciariam mais as apresentações em Powerpoint e cinco alunos consideram que o visionamento de filmes é importante para a disciplina; 8 alunos consideram que o quadro interativo seria um recurso muito importante para as aulas de filosofia, porque “cativa os alunos” e permite a “transparência de conteúdos filosóficos”. A *internet* (4 alunos), o manual (3 alunos) a escolha de *software* específico da disciplina (2), os textos filosóficos (2 alunos) também fazem parte dos recursos que os alunos consideram importantes. Só um aluno considera que prefere as aulas clássicas de filosofia sem recurso a qualquer tecnologia.

10 - Por fim, tendo em conta que estamos a falar da utilização das TIC na disciplina de filosofia, o que achas que se deve fazer para melhorar a qualidade do ensino da disciplina? (Resposta livre).

A última questão, à semelhança da pergunta anterior, é de âmbito qualitativo. Os alunos consideram que para melhorar a qualidade do ensino da disciplina de filosofia é necessário:

Usar mais as tecnologias em sala de aula, uma vez que as TIC tornam as aulas mais interessantes porque motivam os alunos (8 alunos).

No que toca às tecnologias, fomentar mais o visionamento de filmes e vídeo (3 alunos), bem como utilizar mais programas específicos (*software*) de filosofia (2 alunos). Dois alunos sugeriram para que se realizem os testes (exercícios escritos) de filosofia através do computador;

Adequar os materiais a acontecimentos do quotidiano (3 alunos); incluir o debate (3 alunos); promover a interatividade (1 aluno); colocar os alunos a refletir mais (1 aluno); aumentar a intervenção dos alunos nas aulas (1 aluno); fomentar as visitas de estudo (1 aluno) e trazer livros de filósofos (1 aluno).

Dos alunos que responderam a esta questão, só um referiu que as TIC não trariam melhorias para o ensino da filosofia.

4.2. Inquéritos Realizados aos Professores de Filosofia

Ao contrário do que foi proposto no plano de intervenção pedagógica, no caso dos professores, não foi possível, por razões logísticas, aplicar inquéritos nas escolas Gonçalves Zarco, em Matosinhos, e na Escola Secundária dos Carvalhos, em Vila Nova de Gaia. Por motivos de força maior, aplicou-se os inquéritos aos professores de filosofia do Externato Ribadouro, no Porto, onde se obteve um total de quatro inquéritos, e também na Escola Secundária Soares Basto, em Oliveira de Azeméis, onde se obteve 6 inquéritos. No total, aferiram-se os resultados de dez inquéritos. Foi particularmente difícil obter estes inquéritos uma vez que se tornou complicado encontrar os professores disponíveis nas escolas. Assim, no caso da Escola Secundária Soares Basto, preferiu-se recorrer aos serviços de secretaria para nos ajudarem na aplicação e recolha de informação e, no caso do Externato Ribadouro, os inquéritos foram recolhidos graças à intervenção da professora Mafalda Rocha, a minha orientadora de estágio.

Quanto aos dados dos dez professores, oito são do sexo feminino e dois professores não se conseguiu apurar. As idades vão dos trinta e um anos aos cinquenta e dois anos, sendo que três docentes estão na casa dos trinta, três docentes na casa dos quarenta anos e dois docentes tem pouco mais de cinquenta anos. Em relação aos outros dois professores, também não se conseguiu apurar a sua idade.

Em relação aos resultados obtidos, apurou-se, através do inquéritos realizados, que todos os professores utilizam um computador no seu dia a dia. Todos os docentes utilizam o seu computador pessoal ou um computador na escola em dias de trabalho. Todos os professores inquiridos já utilizaram um computador e um videoprojetor como suporte para a lecionação de um tema específico em filosofia, em particular no tema da Dimensão Estética.

3.1 - Se respondeu que sim na pergunta anterior, indique para que fim (fins) utilizou o computador e o vídeo projetor (por exemplo, acesso à internet, trabalhos em Word; projeção de PowerPoint; exibição de filmes, pequenos vídeos ou documentários, música... pode indicar o que quiser).

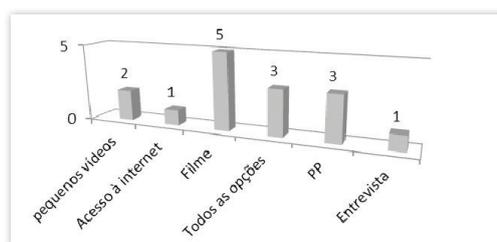


Gráfico 19

Dando seguimento à pergunta anterior, esta questão procura saber em concreto que tipo de recursos foram utilizados nas aulas de filosofia. Tendo em linha de conta que a questão é meramente qualitativa, procurou-se diagnosticar as palavras-chave das respostas. Obteve-se, assim, os seguintes recursos: *PowerPoint*, *Internet*, *Word*, Filmes, Pequenos Vídeos e Entrevistas. Através do gráfico 19, podemos extrair que os recursos mais utilizados na disciplina de filosofia foram: em primeiro lugar, o filme; em segundo lugar, todas as opções acima referidas e o *PowerPoint*; em terceiro lugar, a utilização de pequenos vídeos.

3.2- Qual a apreciação que faz dessa utilização? Assinale com um X todas as situações que considere corretas.

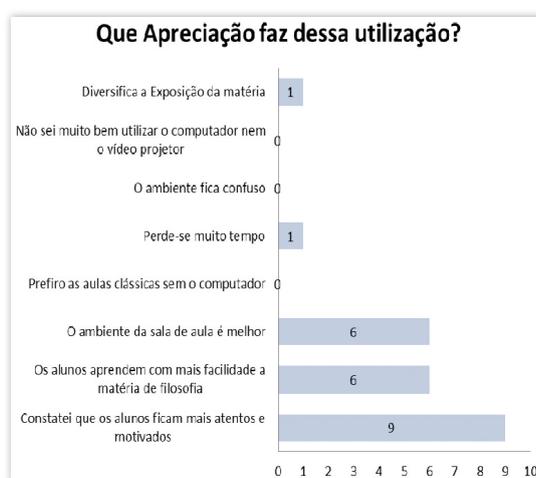


Gráfico 20

A questão 3.2 procura retirar uma apreciação intersubjetiva que os professores tiveram em relação aos recursos utilizados na disciplina de filosofia. De um conjunto de opções que entendemos serem indicadas, destaca-se, em primeiro lugar, que através da utilização das TIC na disciplina de filosofia, os professores consideraram unanimemente que os alunos ficam mais motivados para a aula; em segundo lugar, através da utilização dos recursos digitais, os professores consideram que o ambiente da sala de aula torna-se melhor; em terceiro lugar, consideram também que os alunos aprendem melhor a matéria de filosofia. Por outro lado, com um peso muito menos significativo, um dos docentes considerou que através do recurso às TIC perde-se muito tempo em sala de aula; da mesma forma, um dos docentes acrescentou que as TIC diversifica a exposição da matéria.

4 - Já utilizou um quadro interativo para dar aulas? Sim ___ Não ___. Se sim, por favor, assinale com um X todas as situações que considere relevantes.

A questão 4 procura saber se os docentes já utilizaram um quadro interativo para dar aulas. Seis docentes responderam que não, quatro docentes responderam que sim.

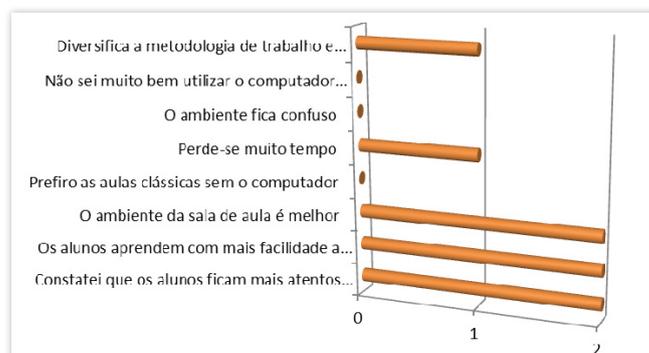


Gráfico 21

Através da gráfico 21, de 10 inquéritos aplicados, dois docentes responderam que, através do quadro interativo, os alunos ficam mais motivados para a aula. De seguida e em simultâneo, os professores consideram que através do quadro interativo os alunos aprendem melhor a matéria de filosofia e o ambiente da sala de aula torna-se melhor. Por outro lado, apenas um professor indicou que o quadro interativo faz perder muito tempo em sala, enquanto que um professor indicou que o quadro interativo diversifica a metodologia de trabalho em sala. De salientar, de resto, que nenhum docente que já trabalhou com o quadro interativo optou por escolher que preferiria as aulas clássicas em relação às aulas com o quadro interativo.

A questão 4.1 procura determinar se os docentes já utilizaram algum software específico para o quadro interativo nas aulas de filosofia: 3 docentes responderam que já trabalharam com software educativo de filosofia através dos quadros interativos, enquanto que 6 docentes afirmam nunca terem trabalhado. A questão 4.2 procura saber se os professores já frequentaram alguma ação de formação nos quadros interativos: 6 docentes responderam que sim, 4 docentes responderam que não.

5 - Indique a frequência de utilização de TIC e ferramentas informáticas em sala de aula, usando a escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “Nunca” e 5 significa “Sempre” (desenhe um círculo à volta do número que considere adequado).

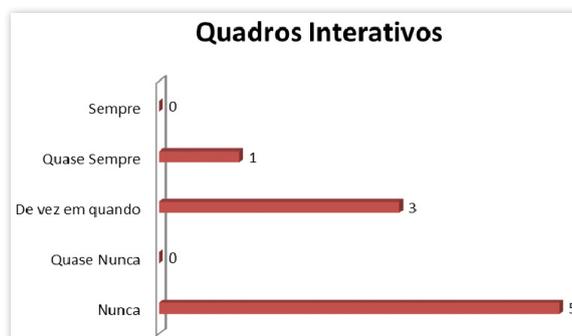


Gráfico 22

Para tentar determinar a frequência de utilização das TIC na disciplina de filosofia, os docentes foram convidados a usar uma escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “nunca” e 5 significa “sempre”. Na questão cinco, procurou-se saber o grau de utilização do quadro interativo, *DataShow*, *Internet*, *PowerPoint* e *Software* específico na disciplina de filosofia. Através da leitura do gráfico 22, começando com o quadro interativo, podemos constatar que em 10 professores, 5 responderam que nunca usaram ou trabalharam com o quadro interativo, 8 docentes afirmam que trabalham com um quadro interativo de vez em quando e um dos docentes afirmou quase sempre. Um dos professores preferiu não responder.

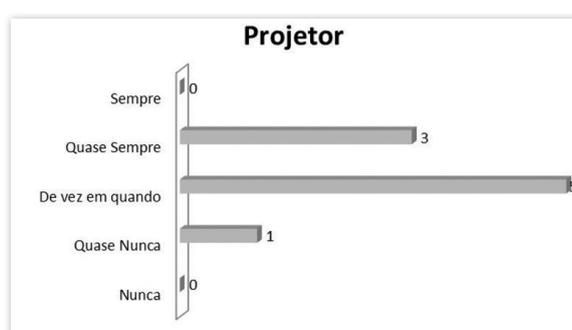


Gráfico 23

Em relação ao *DataShow*, cerca de 5 professores afirmam terem trabalhado de vez em quando em sala de aula. Cerca de 3 docentes afirmam trabalharem com recurso ao mesmo quase sempre. Só um professor indicou quase nunca ter trabalhado nas aulas de filosofia com recurso ao *DataShow*.



Gráfico 24

Em relação ao uso do computador em sala de aula, 5 professores indicam terem trabalhado com um de vez em quando nas aulas de filosofia. De acordo com o gráfico 24, 2 docentes afirmam quase sempre terem trabalhado com um computador na disciplina de filosofia. Só um dos docentes afirma trabalhar sempre enquanto que outro docente afirma quase nunca ter trabalhado com um computador nas aulas de filosofia. Um dos docentes não se pronunciou face a esta questão.

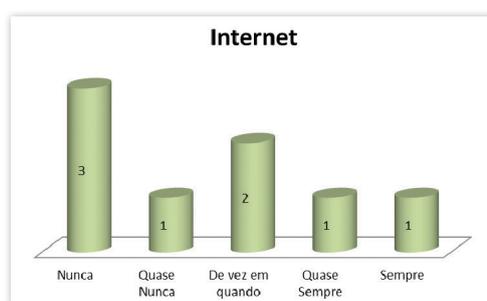


Gráfico 25

De acordo com os dados do gráfico 25, podemos constatar que numa amostra de 10 professores, 3 docentes nunca acederam à internet nas aulas de filosofia. Dois docentes afirmam que acederam à internet de vez em quando. Um dos docentes afirmou que quase nunca acede à internet, enquanto que dois docentes afirmam que acedem sempre e quase sempre. Dois docentes não se pronunciaram face a esta questão.

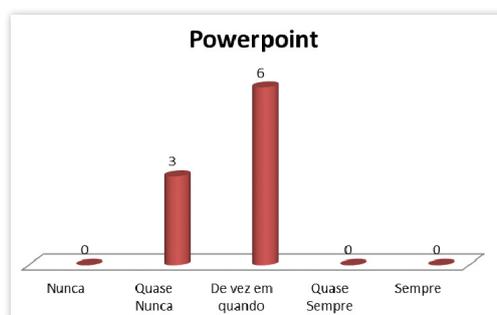


Gráfico 26

Em relação ao *PowerPoint*, de acordo com o gráfico 26 e numa amostra de 10 professores, 6 docentes afirmam trabalharem com a aplicação de vez em quando em sala de aula, enquanto que 3 docentes afirmam que quase nunca terem trabalhado. Um dos docentes não respondeu à questão.

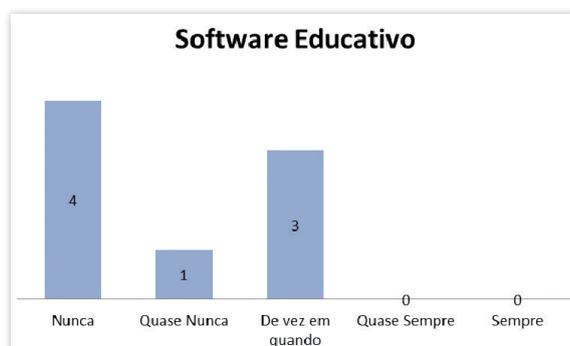


Gráfico 27

Em relação ao *Software* Específico da disciplina de filosofia, de acordo com o gráfico 27, podemos constatar que, em dez docentes, 4 afirmam nunca terem trabalhado com algum software específico da disciplina de filosofia. Um dos docentes afirma quase nunca ter trabalhado, enquanto que 3 docentes afirmam terem trabalhado com um software educativo de vez em quando nas aulas de filosofia.

Todos os docentes afirmam positivamente que as TIC podem melhorar a qualidade das aulas de filosofia. Assim, a questão número seis, que questiona os docentes se as TIC podem melhorar a qualidade das aulas de filosofia, é consensual a 100%. Quando os docentes são questionados se consideram que têm conhecimentos acerca da utilização das tecnologias abordadas neste inquérito, 8 docentes responderam que sim, e dois docentes responderam “pouco”. Da mesma forma, quando os docentes são confrontados com a questão 7.1, que tenta determinar a opinião do docente em relação aos conhecimentos específicos dos seus colegas de profissão (filosofia) acerca das tecnologias abordadas neste inquérito, 9 docentes consideram que os seus colegas possuem conhecimentos acerca da utilização dessas tecnologias.

8 - Na sua opinião, em que medida as TIC são uma vantagem ou desvantagem para as aulas de filosofia? Usando a escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “Nunca” e 5 significa “Sempre”, por favor, desenhe um círculo à volta do número que considere adequado.

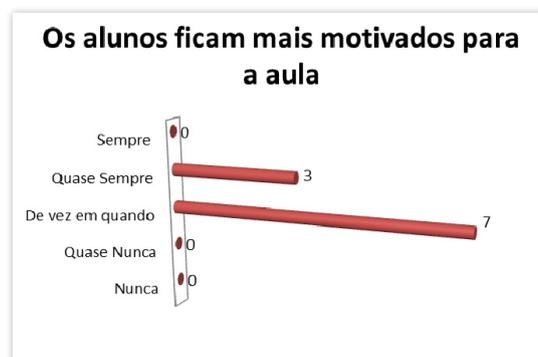


Gráfico 28

De 10 professores que responderam a esta questão, 7 responderam que, através das TIC, os alunos ficam mais motivados para a aula. Este número corresponde a 70% dos professores de duas escolas diferentes. Os três docentes restantes são da opinião que os alunos ficam quase sempre motivados para a aula.

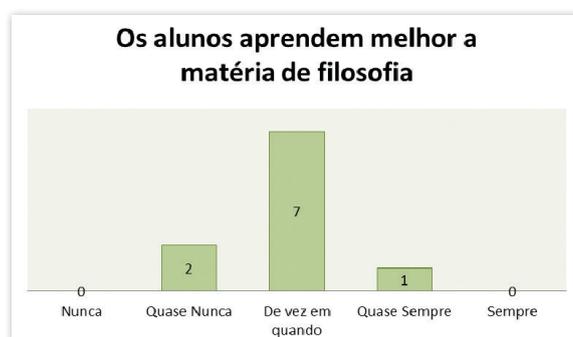


Gráfico 29

Em relação ao gráfico 29, inquiriu-se os professores se consideram que, através das TIC, os alunos aprendem melhor a matéria de filosofia. A posição de conjunto é diferente do gráfico anterior, pois 70% dos docentes afirma que só de vez em quando os alunos aprendem melhor a matéria de filosofia, enquanto que 10% refere que os alunos aprendem quase sempre. Por outro lado, 20% dos professores refere que os alunos quase nunca aprendem melhor a matéria da disciplina, considerando, portanto, que as TIC não representam uma vantagem para a disciplina.



Gráfico 30

O gráfico 30 revela que, através da utilização das TIC na disciplina de filosofia, 70% dos docentes considera que de vez em quando as aulas tornam-se menos exaustivas, enquanto que 20% dos docentes afirma que as aulas de filosofia quase sempre se tornam menos exaustivas quando se utiliza as TIC na disciplina em questão. Um dos docentes preferiu não se pronunciar nesta questão.

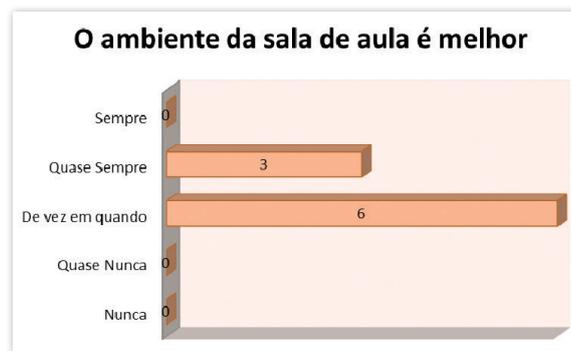


Gráfico 31

Em 9 professores que responderam a esta questão, 60% afirmou que o ambiente da sala de aula é melhor de vez em quando, quando se utilizam as tecnologias de informação e comunicação, enquanto que 30% dos docentes considera que o ambiente da sala de aula melhora quase sempre quando são utilizados os recursos tecnológicos. Mais uma vez, um dos professores preferiu não se pronunciar face a esta questão.

9 - Na sua opinião, quais os recursos didáticos que seriam mais importantes para ser utilizados na disciplina de filosofia? Porquê?

A questão número nove é uma pergunta qualitativa. Procurou-se saber, através desta questão, quais os recursos didáticos que os professores mais apreciam na disciplina de filosofia. Embora se tenha convidado o docente a justificar a sua resposta, nem todos os professores justificaram as suas escolhas. Os docentes preferiram optar por seleccionar os recursos didáticos mais apropriados e nem tanto os meios tecnológicos que seriam mais adequados para a aula de filosofia. Desta

forma, a escolha mais evidenciada, em termos de recursos didáticos, coube à projeção de filmes (6 professores) e, logo depois, atribuíram grande importância ao visionamento de documentários (5 professores), sendo que 3 professores consideram que as apresentações em *PowerPoint* em sala de aula é muito importante. Por último, foram selecionados o manual de filosofia, os textos filosóficos e *software* educativo como recursos importantes, mas que estão imediatamente a seguir aos outros recursos acima referidos.

Os professores consideram, tendo em conta as suas justificações, que os recursos didáticos selecionados permitem que as aulas sejam mais diversificadas e menos exaustivas para os alunos. Atribuíram grande importância ao visionamento de filmes e documentários porque consideram que estes meios propiciam o diálogo em sala e fomenta o debate temático. Houve também um professor que sugeriu a utilização de *software* educativo de filosofia, nomeadamente em exercícios interativos de lógica, tema crucial do décimo primeiro ano de escolaridade.

10 - Por fim, tendo em conta que estamos a falar da utilização das TIC na disciplina de filosofia, o que acha que se deve fazer para melhorar a qualidade do ensino da filosofia? (Resposta livre).

A última questão, à semelhança da pergunta anterior, é de âmbito qualitativo. Os docentes inquiridos consideram que para melhorar a qualidade do ensino da disciplina de filosofia é necessário:

- Usar mais as tecnologias em sala de aula, uma vez que as TIC tornam as aulas mais interessantes e menos exaustivas, situação que cativa o interesse e motiva o aluno. Porém, são da opinião que nunca se deve usar as TIC como único recurso.
- Usar mais a tecnologia educativa em sala não significa que se deve utilizar as TIC como único recurso, de forma incessante. A exposição da matéria pelo professor e o diálogo/debate são sempre essenciais na disciplina de filosofia.
- No que toca aos recursos didáticos, os professores consideram que se deve fomentar mais o visionamento de filmes, documentários, pequenos vídeos e o *PowerPoint* nas aulas de filosofia. Os meios tecnológicos que permitem a realização dessas tarefas são os computadores, quadrointerativo, videoprojetor e colunas de som.
- Da mesma forma, os professores consideram que é necessário “inquietar” os alunos e professores (colegas de trabalho) para a utilização racional das TIC em sala de aula, com autonomia, avaliando sistematicamente os seus efeitos.
- Há que ter em conta o material didático que possa efetivamente ser utilizado em aula tendo em conta os “pouquíssimos” recursos.

- Os professores consideram, igualmente, que é extremamente necessária a formação específica, inicial e contínua, sobre as tecnologias educativas aqui referidas.

4.3. Conclusão dos Resultados dos Inquéritos aos Alunos

Hoje em dia, quase todos os alunos têm e usam um computador em casa ou nos seus tempos livres. Na escola, apesar de o computador não ser tão usado em sala de aula, é igualmente inegável a sua utilização. De 39 alunos inquiridos de duas turmas do 10º ano de escolaridade, 60% dos alunos afirma já ter trabalhado com o computador na disciplina de filosofia, tendo sido usado, por norma, apresentações em *PowerPoint*, filmes ou vídeos e a utilização da ferramenta *Word*. Quanto à apreciação destes instrumentos de trabalho aplicados na disciplina de filosofia, 80% dos alunos divide-se quanto às suas vantagens. Consideram, por isso, que aprenderam melhor a matéria de filosofia e o ambiente da sala de aula tornou-se melhor, ficando mais motivados para a aula. Só 21% dos alunos inquiridos se divide nas opiniões de que as ferramentas acima referidas proporcionaram um ambiente confuso em sala de aula, perdendo-se muito tempo e que, por isso, preferem as aulas tradicionais sem recurso a qualquer tecnologia.

Se o computador, de acordo com a perspetiva dos alunos, é visto como um excelente atributo para a disciplina de filosofia, o quadro interativo supera-o ligeiramente, em termos percentuais. Assim, no que concerne às suas vantagens, 86% dos alunos divide-se nos seguintes aspetos: o quadro interativo motiva mais os alunos para as aulas de filosofia; a utilização do quadro interativo proporciona um melhor ambiente na sala de aula e, por último, através do QI, os alunos aprendem melhor a matéria de filosofia. Dos 39 alunos inquiridos, 97% considera que o *DataShow* promove as mesmas vantagens referidas no QI. Por outro lado, quando os alunos são questionados para avaliar a frequência de utilização das tecnologias em sala de aula, os resultados são contrastantes. Assim, 64% dos alunos afirma nunca ter trabalhado individualmente com o quadro interativo, enquanto que 20% dos alunos responderam quase nunca. Em relação ao *DataShow*, 31% dos alunos afirma nunca ter trabalhado com um, enquanto que 54% dos alunos respondeu que quase nunca trabalharam com um. No que concerne à utilização dos computadores em sala de aula, 61% dos alunos indica que quase nunca trabalharam com computadores na disciplina de filosofia, enquanto que 20% afirma nunca ter utilizado um computador na disciplina. Relativamente à *internet*, 87% dos alunos da disciplina de filosofia nunca trabalhou com ela, percentagem idêntica em relação à utilização de um *software* específico de filosofia. Só as apresentações em *PowerPoint* superam a utilização da *internet* ou *software* específico, uma vez que 50% dos alunos afirma nunca ter feito qualquer apresentação em *PowerPoint*, enquanto que 37% dos alunos afirma quase nunca.

Não obstante a sua pouca experiência na utilização de tecnologia na disciplina de filosofia, quando os alunos são confrontados para avaliar em que medida as TIC poderiam conferir vantagens ou desvantagens para as aulas de filosofia, responderam o seguinte:

- 58% dos alunos indica que, através das TIC, ficam mais motivados para a aula de filosofia e 14% afirma que as TIC os motiva sempre;
- Através das TIC, 31% dos alunos aprende melhor a matéria de filosofia, 11% aprende sempre e 47% dos alunos afirma que aprende de vez em quando;
- Através das TIC, 36% dos alunos refere que as aulas de filosofia se tornam menos exaustivas, enquanto que 44% dos alunos afirma que, através das TIC, as aulas quase sempre ficam menos exaustivas;
- Através das TIC, 47% dos alunos indica que o ambiente da sala de aula torna-se quase sempre melhor, enquanto que 20% dos alunos afirma que as TIC tornam sempre o ambiente da sala de aula melhor.

No que toca à avaliação do “gosto” pela disciplina de filosofia, de 39 alunos inquiridos, 16 responderam gostar da disciplina, 5 alunos responderam gostarem muito, 14 alunos responderam suficiente e só 4 alunos disseram que gostam pouco. Nenhum aluno respondeu não gostar da disciplina.

Se, como tivemos ocasião de constatar, os alunos trabalham muito pouco com as tecnologias de informação e comunicação na disciplina de filosofia, por outro lado, não deixa de ser uma evidência muito significativa quanto ao “desejo coletivo” em quererem trabalhar mais com as TIC nesta disciplina. Uma boa utilização das TIC na disciplina de filosofia – apelando obviamente à diversidade de recursos – revela-se, assim, como uma boa estratégia para fomentar os níveis de motivação e atenção dos alunos, servindo, simultaneamente, para proporcionar um ambiente de sala melhor, condições estas imprescindíveis para que a disciplina não seja encarada como uma disciplina “exaustiva” ou maçuda. Salienta-se, igualmente, que os alunos são da opinião que, através das tecnologias de informação e comunicação, poderão aprender melhor a matéria de filosofia.

Convém não esquecer a perspetiva que os alunos têm da disciplina de filosofia. As suas opiniões são importantes na medida em que poderão encorajar o(s) docente(s) a potenciar as TIC na direção certa. Os alunos consideram que a filosofia é uma disciplina que fomenta o desenvolvimento de “pontos de vista apelativos da vida”, promovendo a “reflexão crítica” e o pensamento individual (9 alunos). Consideram a filosofia como uma “disciplina interessante” (8 alunos), “incentivadora e cativante” (5 alunos), características fundamentais que faz com os alunos gostem da disciplina.

Neste sentido, os meios tecnológicos mais evidenciados como os mais importantes pelos alunos foram o computador e o quadro interativo. Quanto aos recursos didáticos, as apresentações em *PowerPoint*, o visionamento de filmes e vídeo, a utilização da *internet* e *software* específico da disciplina destacam-se como sendo muito importantes, sendo que o manual e os textos filosóficos foram classificados como importantes.

4.4. Conclusão dos Resultados dos Inquéritos aos Professores

Hoje em dia, quase todos os docentes têm e usam um computador em casa ou nos seus tempos livres. Da mesma forma, é inegável a sua utilização na escola. De 10 docentes de filosofia inquiridos de duas escolas diferentes, todos afirmam já terem trabalhado com o computador na disciplina de filosofia, particularmente no tema da Dimensão Estética. Os materiais didáticos utilizados foram o filme, o documentário, o *PowerPoint*, a *internet* e pequenos vídeos. Quanto à apreciação destes instrumentos de trabalho aplicados na disciplina de filosofia, 90% dos docentes considera que os alunos aprenderam melhor a matéria de filosofia e o ambiente da sala de aula tornou-se melhor (60%), ficando mais motivados para a aula (60%). Só 10% dos docentes inquiridos considera que se perde muito tempo em sala de aula ao usarem-se estes materiais didáticos.

Em relação ao quadro interativo, 60% dos docentes afirma nunca ter trabalhado com um nas aulas de filosofia. Os restantes docentes, por outro lado, responderam que, através do quadro interativo, os alunos ficam mais motivados para a aula e que aprendem melhor a matéria de filosofia e o ambiente da sala de aula torna-se melhor. Cerca de 30% dos docentes afirma que já trabalharam com um *software* de quadros interativos, enquanto que 70% indica que não. Da mesma forma, só 40% dos docentes afirma ter frequentado ações de formação na área dos quadros interativos.

Quanto à frequência de utilização das TIC e ferramentas informáticas na sala de aula, 50% dos professores afirma nunca ter trabalhado com um quadro interativo; em relação ao *DataShow*, cerca de 50% dos professores afirma ter trabalhado de vez em quando em sala de aula; em relação ao uso do computador em sala de aula, 50% dos professores indica terem trabalhado com um de vez em quando nas aulas de filosofia; 30% dos docentes nunca acederam à *internet* nas aulas de filosofia e 20% dos docentes afirma que acederam à *internet* de vez em quando; em relação ao *PowerPoint*, 60% dos docentes afirma trabalhar com a aplicação de vez em quando em sala de aula, enquanto que 30% dos docentes afirma quase nunca ter trabalhado; no que toca à utilização de *software* específico da disciplina de filosofia, 40% dos docentes afirma nunca ter trabalhado com algum, enquanto que 30% dos docentes afirma ter trabalhado com um *software* educativo de vez em quando.

Cerca de 80% dos docentes afirma que tem conhecimentos acerca da utilização das tecnologias abordadas neste inquérito. Todos os docentes (100%) afirmam positivamente que as TIC podem melhorar a qualidade das aulas de filosofia enquanto que 70% dos professores considera que, através das TIC, os alunos ficam mais motivados para a aula e que só de vez em quando aprendem melhor a matéria de filosofia; também de vez em quando, as aulas tornam-se menos exaustivas; 60% dos docentes afirma que o ambiente da sala de aula é melhor de vez em quando, quando se utiliza as tecnologias de informação e comunicação.

A escolha mais evidenciada, em termos de recursos didáticos, coube à projeção de filmes (60%) e, logo depois, atribuíram grande importância ao visionamento de documentários (50%), sendo que 30% dos professores considera que as apresentações em *PowerPoint* em sala de aula é muito importante. Segundo a opinião dos professores, estes recursos didáticos permitem que as aulas sejam mais diversificadas e menos exaustivas para os alunos, da mesma forma que propiciam o diálogo em sala e fomenta o debate temático.

Os professores inquiridos consideram muito importante usar mais as tecnologias em sala de aula, uma vez que as TIC tornam as aulas mais interessantes e menos exaustivas, situação que cativa o interesse e motiva o aluno. Da mesma maneira, deve-se fomentar mais o visionamento de filmes, documentários, pequenos vídeos e o *PowerPoint* nas aulas de filosofia. Os professores consideram, igualmente, que é extremamente necessária a formação específica, inicial e contínua, sobre as tecnologias educativas aqui referidas.

4.5. Comparação dos Resultados

É inegável que tanto docentes como alunos consideram que através das TIC se aprende melhor a matéria de filosofia, o ambiente da sala de aula torna-se melhor, representando ainda um estímulo para a motivação individual e coletiva⁴⁹ dos alunos. Em relação ao posicionamento dos alunos, sem dúvida alguma, são da opinião em que a utilização do quadro interativo, dos computadores, do *DataShow*, bem como o visionamento

⁴⁹ Esta observação vai ao encontro de inúmeros estudos nacionais e internacionais levados a cabo principalmente na última década. Citamos alguns estudos relevantes em relação às tecnologias aqui referidas. Santos & Carvalho, *Os Quadros Interativos Multimédia: Da formação à Utilização*. Trabalho inserido no projeto “Educação e Formação On-line, registado no CIEd. Pereira, Maryana Barretô e Jesus, Daiany Pereira, “A Integração das Tecnologias Educacionais na Prática Docente: Principais Dificuldades e Atitudes Pedagógicas Inovadoras”, in *V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade*, São Cristóvão-SE/Brasil, 21 a 23 de Setembro de 2011. The ICT Impact Report, *A review of studies of ICT impact on schools in Europe*, 11 December 2006. Report written by European Schoolnet in the framework of the European Commission’s ICT cluster. SILVA, B., *A Tecnologia é uma Estratégia*, in DIAS, Paulo e FREITAS, Cândido, *Actas da II Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação*, Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho.

de filmes, vídeos, documentários e *software* educativo acrescentam mais qualidade nas aulas de filosofia, proporcionando um ambiente mais adequado para aprenderem melhor a matéria de filosofia. Por outro lado, no que toca à frequência de utilização das tecnologias em sala de aula, os resultados são contrastantes. Assim, 60% dos alunos afirma nunca ter trabalhado individualmente com o quadro interativo, computador ou *DataShow*. Cerca de 87% dos alunos inquiridos afirma nunca ter trabalhado através da internet ou de um *software* educativo de filosofia em sala de aula, fator que representa, nesta perspetiva, uma forte lacuna que tem de ser melhorada. Neste sentido, os meios tecnológicos mais evidenciados como os mais importantes pelos alunos foram o computador e o quadro interativo.

Relativamente aos docentes, apesar de todos os docentes inquiridos (100%) afirmarem positivamente que as TIC podem melhorar a qualidade das aulas de filosofia, certo é que 50 a 60% dos inquiridos afirma que raramente introduzem meios tecnológicos na sala de aula, apesar de 80% dos docentes afirmar terem competências digitais em relação aos recursos tecnológicos assinalados. Esta situação vai ao encontro da perspetiva de Costa, quando afirma: “Embora se possa afirmar que há hoje um forte consenso relativamente à importância e relevância dos computadores para fins educativos, continua a ser fraca a sua utilização e integração na atividade curricular propriamente dita”.⁵⁰

Tanto alunos como docentes estão de acordo quanto aos melhores recursos didáticos a explorar nas aulas de filosofia: as apresentações em *PowerPoint*, o visionamento de filmes e vídeo, a utilização da *internet*, *software* específico da disciplina, o manual e os textos filosóficos.

Se tanto alunos como professores estão de acordo em relação às vantagens da tecnologia educativa na disciplina de filosofia, embora, claro, com algumas reservas e prudências por parte dos docentes, a ausência da aplicação destes meios tecnológicos em sala de aula levantam algumas questões. Se as TIC são preconizadas como uma exigência por parte dos alunos e se é defendida pelos docentes como instrumentos que os poderão auxiliar no exercício das suas funções, porque não se trabalha mais com a tecnologia em sala de aula?

Especificando a resposta de acordo com os dados aferidos dos inquiridos, podemos constatar, por exemplo, que em relação ao quadro interativo, 60% dos docentes afirma nunca ter frequentado ações de formação tecnológica. Metade dos docentes inquiridos afirmam que nunca ou raramente trabalharam com um computador, *Datashow* ou internet em sala de aula, embora afirmem terem as competências digitais adequadas para operarem com as mesmas. Grande parte das salas de aula das escolas Soares de Bastos e Externato Ribadouro estão equipadas com quadros Interativos,

⁵⁰ COSTA, Fernando, *A Utilização das TIC em Contexto Educativo. Representações e Práticas de Professores*, (tese de doutoramento), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2008, p.164. Disponível: <http://aprendercom.org/comtic/wpcontent/uploads/2013/01/TeseCostaF2008TICemContextoEducativo.pdf>. Acesso ao estudo em agosto de 2013.

computadores, é possível requisitar computadores portáteis, colunas de som, *DataShow* e demais recursos em ambas as escolas. Neste sentido, 80% dos professores inquiridos (Inquéritos realizados aos professores neste relatório) afirma possuir as competências digitais necessárias nos meios tecnológicos referidos, embora se constate que mais de metade dos docentes não os aplique em sala de aula: porque, conforme os próprios docentes assim confirmaram, falta formação específica, inicial e contínua em relação a práticas pedagógicas filosóficas integradas nas tecnologias de informação e comunicação, com todos os motivos referidos e aprofundados nos pontos 2.4 e 2.5 deste relatório.

Conclusão

Chegados ao termo do trabalho que nos propusemos, consideramos ter atingido todos os objetivos delineados no Plano de Intervenção Pedagógica. Assim, foram exploradas as potencialidades das tecnologias de informação e comunicação no ensino e aprendizagem da disciplina de filosofia, particularmente no tema da Dimensão Estética. O ensino e aprendizagem de conceitos fundamentais como estética, experiência estética, teoria estética, gosto, juízo estético, útil, agradável, belo, horrível, sublime, arte, obra de arte, artista, espetáculo, criação artística, entre outras, só farão sentido se forem exploradas em sala de aula através das tecnologias de informação e comunicação, por forma a desencadear o ato de filosofar no aluno, proporcionando, deste modo, novas linguagens, novos discursos e novas formas de propiciar o diálogo, o pensamento crítico e reflexivo dos intervenientes, objetivo essencial na disciplina de filosofia. Neste sentido, tendo em linha de conta o tema da Dimensão Estética, que se reveste de conteúdos de natureza subtil e peculiar, afigura-se como uma boa proposta para os profissionais de filosofia introduzirem as tecnologias de informação e comunicação de forma equilibrada e criativa. Será um excelente ponto de partida para o profissional de educação que, de uma forma ou outra, ainda tenha dúvidas em relação à implementação da tecnologia educativa nas aulas de filosofia. Todos os outros temas/problemas também são válidos, desde que se aplique uma boa dose de criatividade para desencadear a atividade filosófica. Com base na premissa que a filosofia tem necessidade não só de uma compreensão filosófica, por conceitos, mas também de uma compreensão não filosófica, que opera por perceptos e afetos, as TIC estatuem-se como meios indispensáveis para o desencadeamento e promoção de novas linguagens que, por sua vez, proporcionam a abertura de uma possibilidade de sentidos porque se pensa através de outros signos para além das letras e palavras. Durante o estágio, procurei seguir estas linhas orientadoras, considerando que foi realizado um bom trabalho neste sentido, com um *feedback* muito positivo por parte dos alunos e orientadores. Procurou-se, assim, desenvolver estratégias por forma a incluir as tecnologias de informação e comunicação em cada planificação de aula, sobretudo, no tema da dimensão estética, evitando utilizar as tecnologias de forma expositiva e superficial, privilegiando uma metodologia ativa e interrogativa e, em termos digitais, interativa. Os meios tecnológicos mais utilizados foram o computador, o quadro interativo, colunas de som e o videoprojetor, privilegiando recursos didáticos como pequenos vídeos, documentários, software educativo, bem como, o texto filosófico.

A lógica de implementação das TIC na disciplina de filosofia teve sempre em conta a problemática pertinente da didática da filosofia, que assola todos os profissionais nesta área de saber. Neste sentido, concluiu-se, seguindo a linha de raciocínio de diversos autores que, em virtude do poder problematizador que é inerente à própria filosofia, a sua didática só pode ser

estimulada através da atividade filosófica. Desta forma, ao definir-se o ensino da filosofia como um conjunto de métodos e estratégias que tem por finalidade promover no aluno um conjunto de competências que permita o desencadeamento do ato de filosofar, com critérios de avaliação plenamente alinhados neste sentido, a implementação das TIC, em sala de aula, também tem, obrigatoriamente, de seguir estas orientações.

Inserido numa lógica complementar ao estágio realizado, a linha de investigação procurou compreender a relação entre professores de filosofia e os estudantes de filosofia no que concerne à utilização das tecnologias de informação e comunicação em sala de aula. Os resultados apontam, de uma forma geral, que tanto alunos como professores possuem as competências necessárias em termos de literacia digital em relação aos equipamentos tecnológicos assinalados nos inquéritos. Aferiu-se, igualmente, que os alunos não só possuem, na sua maioria, competências digitais, como também apelam aos professores um maior uso da tecnologia educativa nas aulas de filosofia. Os docentes, por seu lado, apesar de considerarem que as tecnologias de informação e comunicação são imprescindíveis para o ensino da filosofia, reclamam a falta de formação específica, inicial e contínua em relação a práticas pedagógicas filosóficas integradas nas tecnologias de informação e comunicação. Não basta, por isso, o saber meramente técnico das tecnologias, que todos os docentes afirmam possuir, para desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem da filosofia aplicadas através das TIC. Neste sentido, a utilização das TIC no ensino da filosofia ainda é um reflexo da forma como se ministram as aulas, de forte pendor teórico e expositivo, fator importante que faz com que as tecnologias não tragam nada de original ou relevante para o ensino e aprendizagem da disciplina em causa. Não convém esquecer que o ensino da filosofia ainda se encontra debilitada devido à falta de consenso político e pedagógico da melhor forma como ministrá-la. A filosofia, devido ao carácter específico da sua didática, possui uma natureza diferente das outras disciplinas, pese embora o facto de ainda se considerar, por muitos agentes educativos, exatamente igual a tantas outras disciplinas. Esta situação tem prevalecido ao longo da história portuguesa e só recentemente, fruto de várias circunstâncias, tem vindo a despertar do seu “sono dogmático”. A filosofia, tal como consta no seu programa oficial, deve servir para formar espíritos livres e criativos, capazes de resistir às diversas formas de propaganda, de fanatismo, de exclusão e de intolerância. Da mesma forma, deve contribuir para o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aperfeiçoamento da análise crítica das convicções pessoais, da sensibilidade cultural e estética, do aluno. Neste sentido, o ensino da disciplina de filosofia não pode continuar a ser perspectivada como um conjunto de teorias da história da filosofia, qual mero depósito do saber clássico sem energia ou qualquer potencialidade para o futuro, encarada pelo aluno como uma disciplina cujos conteúdos só servem para memorizar e imediatamente esquecer. Infelizmente, o bom uso pedagógico das TIC na disciplina de filosofia é diretamente proporcional

à noção que o docente tenha da sua didática. Por isso mesmo, a chave para a renovação pedagógica necessária e indispensável na disciplina de filosofia reside na mentalidade do professor, que deve ultrapassar os seus constrangimentos e receios em relação às TIC, apoiando-se, desta forma, nos tempos atuais que exigem a sua atenção neste domínio, bem como, no apelo ininterrupto dos alunos, filhos da tecnologia, que não cessa de aumentar.

Bibliografia

- ALMEIDA, Maria Manuela B de (Coord.), *Programa de Filosofia do 10º e 11º Anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*, Lisboa, Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário, 2001.
- AMORIM, Carlos & PIRES, Catarina, Livro do Professor, *Percursos*, Filosofia 10º ano. Ensino Secundário, Areal, Porto, 1ª Edição, 2008.
- BOAVIDA, João, *Educação Filosófica: Sete Ensaio*s, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.
- BRITO, Conceição; DUARTE, José; BAÍA, Mário, *As tecnologias de informação na formação quotidiana de professores: uma nova leitura da realidade*, Ministério da Educação-Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo, Lisboa, 2004.
- CARRILHO, M., M., *Razão e Transmissão da Filosofia*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.
- COMPETÊNCIAS TIC. *Estudo de Implementação*. Vol. 1 e 2. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE). Equipa responsável pelo Estudo: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa; Universidade de Évora; Universidade do Minho, Lisboa, Novembro de 2008.
- COSTA, F.; PERALTA, H., VISEU, S., (org.), *As Tic na Educação em Portugal – Conceções e Práticas*, Porto, Porto Editora, 2007.
- COSTA, Fernando, *A Utilização das TIC em Contexto Educativo. Representações e Práticas de Professores*, (tese de doutoramento), Universidade de Lisboa-Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Disponível em: <http://aprendercom.org/comtic/wpcontent/uploads/2013/01/TeseCostaF2008TICemContextoEducativo.pdf>. Acesso ao estudo em agosto de 2013.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F., *O Que é a Filosofia?*, Lisboa, Editorial Presença, 1992.
- DELEUZE, G., *A Imagem-Movimento*, Brasília, Editora Brasiliense, 1983.
- FERREIRA, Manuela; SANTOS, Milice R., *Aprender a Ensinar; Ensinar a Aprender*, Porto, Afrontamento, 2007.

- FIGUEIREDO, A.D., “Importância e Complexidade da Formação de Professores na Sociedade da Informação”, in AA VV, *A Sociedade da Informação na Escola*, Conselho Nacional de Educação/Ministério da Educação, Lisboa, 1999.
- FRAGATA, Júlio (1985), “A filosofia e o saber”, Separata de *Revista Portuguesa de Filosofia*, 42, 1-2.
- GONÇALVES, Joaquim C., *Fazer Filosofia – Como e Onde?* - 2ª Edição, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 1995.
- HADJI, C.; BAILLÉ, J., *Investigação e Educação – Para Uma Nova Aliança*, Porto, Porto Editora, 2001.
- KVAKIK, Robert B., Center for Applied Research and University of Minnesota, Twin Cities, EDUCAUSE in OBLINGER, Diana G.; OBLINGER, James L., *Educating the Net Generation*, Educause, 2005. Available electronically at www.educause.edu/educatingthenetgen/.
- MERRIENBOER, J. V; CORREIA, S.; PAIVA, J., *As Novas Tecnologias*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012.
- OBLINGER, Diana; OBLINGER, James, *Educating the NET Generation*, Educause, Transforming Education Through Information Technologies, Washington DC, 2005.
- KLEE, P., *Escritos sobre arte*, Lisboa, Cotovia, 2001.
- PEREIRA, Maryana B & JESUS, Daiany P., “A Integração das Tecnologias Educacionais na Prática Docente: Principais Dificuldades e Atitudes Pedagógicas Inovadoras”, in *V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*, São Cristóvão-SE/Brasil, 21 a 23 de Setembro de 2011, pp. 1-11.
- ROCHA, R., P., *Em Favor da Didática*, in RIBAS, M., ALICE COELHO et alii (org.) *A Filosofia na Escola*, Coleção Filosofia e Ensino, Editora UNIJUI, Rio Grande do Sul, 2008.
- SILVA, B., “A Tecnologia é uma Estratégia”, in DIAS, Paulo; FREITAS, Cândido (org.), *Atas da II Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação*, Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho.
- VICENTE, Joaquim, “Subsídios para uma Didática da filosofia. A propósito de algumas iniciativas recentes para a constituição de uma Didática específica da Filosofia”, *Revista Filosófica de Coimbra*, 3 (6), 1994.
- VALENTE, José A, *Porquê O Computador na Educação?* Núcleo de Informática Aplicada à Educação – NIED, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1999.

SANTOS, Maria I. & CARVALHO, Ana A., “O Digital e o Currículo - Os Quadros Interativos Multimédia: Da Formação à Utilização”, *VI Conferência Internacional de TIC na Educação. Educação e Formação Online*, CIED, 2009.

Software Educativo *Percursos*, Filosofia 10º ano.

The ICT Impact Report, *A review of studies of ICT impact on schools in Europe*, 11 December 2006.

Teaching and Learning with the Net Generation, by *Kassandra Barnes, Raymond C. Marateo, and S. Pixy Ferris*, This article was originally published in *Innovate* (<http://www.innovateonline.info/>) as: Barnes, K., R. Marateo, and S. Ferris. 2007. Teaching and learning with the net generation. *Innovate* 3 (4). <http://www.innovateonline.info/index.php?view=article&id=382> (accessed April 24, 2008). The article is reprinted here with permission of the publisher, The Fischler School of Education and Human Services at Nova Southeastern University.

Netgrafia

Diário da República, 1.ª série — N.º 180 — 18 de Setembro de 2007. Disponível em: http://www.unic.pt/images/stories/publicacoes200801/RCM_137_2007.pdf. Último acesso em Agosto de 2013.

Diário da República, 1.ª série — N.º 129 — 7 de Julho de 2009. Disponível em: <http://dre.pt/pdfs/2009/07/12900/0433904340.pdf>. Último acesso em Agosto de 2013.

Diário da República, 2.ª série — N.º 247 — 23 de Dezembro de 2009. Disponível em: http://www.coimbravivasru.pt/pdf/rmue_pub_dr-23-12-2009.pdf. Último acesso em Agosto de 2013.

Diário da República, 1.ª série — N.º 76 — 20 de Abril de 2010. Disponível em: <http://dre.pt/pdf2sdip/2010/04/076000000/2046020463.pdf>. Último acesso em Agosto de 2013.

Diário da República, 1.ª série — N.º 129 — 5 de julho de 2012. Disponível em: <http://dre.pt/pdfgratis/2012/07/12900.pdf>. Último acesso em Agosto de 2013.

Direção Geral Recursos Humanos da Educação: http://www.dgrhe.min-edu.pt/_main/.

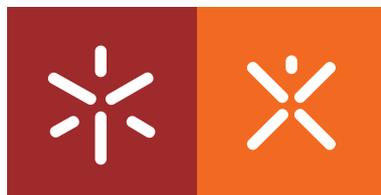
Plano Tecnológico da Educação: <http://www.pte.gov.pt/pte/PT/OPTE/index.htm>.

Projeto Educativo do Externato Ribadouro disponível em: <http://www.ribadouro.com/docs/ProjectoEducativo2012.pdf>.

Projeto Curricular de Escola disponível em: <http://www.ribadouro.com/docs/ProjectoCurricularEscola2012.pdf>

ANEXOS

Anexo I



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Filipe Abraão Martins do Couto

As TIC no Ensino da Filosofia

Projeto de Intervenção Pedagógica no âmbito do Mestrado em
Ensino da Filosofia no Ensino Secundário

Orientadores:

Professor Doutor Artur Manso (Universidade do Minho)

dezembro de 2012

Introdução

O presente trabalho intitulado “AS TIC no Ensino da Filosofia” é o projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, que faz parte do Estágio Profissional do Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário, que irá ocorrer no Externato Ribadouro, no Porto, no ano letivo de 2012/2013. Será executado na turma de 10º ano (A3). O tema escolhido para lecionação na escola é a Dimensão Estética – análise e compreensão da experiência estética.

Caracterização da escola

O Externato Ribadouro é uma escola com um projeto educativo global que vai desde a Pré-Escolar ao 12º ano. Encontra-se sediado na rua de Santa Catarina, bem no coração da cidade, no centro histórico do Porto. No ano letivo anterior alargou as suas instalações, criando um novo pólo, na rua do Bonjardim. A sua realidade educativa é heterogénea. É um estabelecimento de ensino que recebe alunos oriundos das mais diversas regiões do norte do país, promovendo uma diversidade cultural enriquecedora ao nível da formação das suas crianças e jovens. No seu projeto educativo, está contemplado a promoção do trabalho de equipa (O Plano Anual de Atividades promove intercâmbios escolares e vistas de estudo, permitindo um novo conceito de cidadania), a preparação dos alunos numa perspetiva globalizante, preparando-os para saberem duas ou mais línguas estrangeiras, bem como a integração dos alunos em projetos nacionais e internacionais de carácter solidário. Nos últimos anos, tem-se afirmado como uma das melhores Escolas do Ensino Secundário. No ano letivo 2010/2011, foi a segunda melhor escola do Ensino Secundário a nível nacional.

Caracterização da Turma

Turma 10 ° A3, da área de Ciências. A turma é constituída por 28 alunos, 9 rapazes e 18 raparigas. Todos os alunos frequentam este nível de escolaridade pela primeira vez. A média de idade é de 14 anos. A uniformidade de idades dos alunos facilita a criação de um bom ambiente de trabalho e de aprendizagem. Existem focos de interesse comuns, característicos desta mesma faixa etária, o que possibilita o trabalho em grupo. Todos os alunos desejam prosseguir estudos até ao Ensino Superior. O curso mais pretendido é Medicina (16 alunos – 57%). As disciplinas Matemática, Inglês e Ciências Naturais são aquelas em que os alunos desta turma se sentem mais seguros. Por outro lado, as disciplinas em que os alunos sentem mais dificuldades são as de Português, Física e Química.

Nenhum aluno apresenta qualquer problema de saúde ou dificuldade de aprendizagem. Na generalidade, os alunos pertencem a um meio socio-cultural médio/alto.

A maioria dos pais dos alunos é licenciada ou têm, pelo menos, o 12º ano de escolaridade. Esta situação pode ser facilitadora para a aprendizagem dos alunos já que os pais podem acompanhar melhor os seus educandos ao longo do percurso escolar.

Enquadramento e Exposição do Projeto

Muito se tem debatido a propósito do processo de construção do ensino da filosofia, da forma como se deve ensinar filosofia e as várias problemáticas que esta questão encerra em si mesma. Esta questão é muito importante, mas mais importante é a resposta que se pode adquirir, tendo em conta que será a resposta que permitirá ao professor de filosofia conceptualizar o ponto de referência de todo o processo de ensino/aprendizagem da disciplina. Joaquim Vicente, referindo a massificação do ensino da filosofia no ensino secundário⁵¹, enfatiza a questão controversa de uma didática da filosofia. Com efeito, deve o professor de filosofia ensinar filosofia, isto é, questões inerentes à história da filosofia e os seus autores, ou deve o professor ensinar a filosofar? Segundo este autor, o professor deve ensinar os alunos a filosofar e, para isso, o mesmo estabelece um *acordo didático* assente nas seguintes proposições:

O ensino da filosofia na educação secundária terá por finalidade e objeto a aprendizagem do filosofar.

O filosofar é um processo de pensamento incontestavelmente complexo pode e deve, para efeitos didáticos, desdobrar-se em três operações intelectuais maiores: conceptualizar, problematizar e argumentar.

Este deverá ser o paradigma organizador do ensino filosófico na educação secundária.

Assim, a aprendizagem dos processos fundamentais do pensamento filosófico implicará da parte do aluno o desenvolvimento das seguintes capacidades:

- a) Ser capaz de conceptualizar filosoficamente uma noção;
- b) Ser capaz de problematizar filosoficamente uma questão ou uma noção;
- c) Ser capaz de argumentar filosoficamente uma tese ou uma dúvida.

Ao ensinar o aluno a conceptualizar, a problematizar e a argumentar, o professor estará a conferir um sentido ao aluno que permitirá ao mesmo a introdução à competência do ato de filosofar. É neste enquadramento que faz sentido repensar o papel atribuído às Novas Tecnologias de Informação e aos conteúdos digitais a serem ministrados no ensino da Filosofia no Ensino Secundário.

⁵¹ VICENTE, J., “Subsídios para uma didáctica da filosofia. A propósito de algumas iniciativas recentes para a constituição de uma Didáctica específica da Filosofia”, Revista Filosófica de Coimbra, 3 (6), 1994, pp. 397-412.

Palavras-chave para o projeto de intervenção pedagógica: estética, experiência estética, teoria estética, gosto, juízo estético, útil, agradável, belo, horrível, sublime, arte, obra de arte, artista, espetáculo, criação artística.

Este trabalho intitulado As TIC no Ensino da Filosofia tem como objetivo duas vertentes:

A primeira consiste em procurar saber como as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação poderão influenciar positivamente o ensino da Filosofia, recorrendo para isso ao uso do suporte de recursos materiais como o computador, o videoprojector, o quadro interativo, bem como o uso de conteúdos digitais como músicas, vídeos, imagens e software educativo. Este projeto de intervenção pedagógica pretende descobrir em que medida o uso das TIC no ensino da Filosofia pode contribuir para o enriquecimento dos conteúdos do Programa Curricular, em particular no tema da Dimensão Estética.

A segunda vertente consiste numa abordagem sociológica do uso das TIC no ensino da filosofia. Recorrendo à aplicação de inquéritos, pretende-se aferir a utilização das TIC no ensino da filosofia, incidindo tanto nos professores como nos alunos. No primeiro caso, os professores, pretende-se diagnosticar se os professores de filosofia utilizam as TIC no Ensino da filosofia e, se as utilizam, pretende-se saber quantitativamente e qualitativamente de que forma as utilizam e como utilizam. No caso dos alunos, pretende-se aplicar um inquérito que irão aferir os índices de satisfação das TIC no ensino da Filosofia.

Estratégias de Intervenção

Metodologia

Numa sociedade de informação globalizada, onde impera uma “juventude aprendente, num mundo inundado de informação e de tecnologia mal interiorizada” (Figueiredo, 1999), torna-se urgente a intervenção do professor no sentido de auxiliar os alunos a desenvolverem competências e saberes que lhes permitam uma autonomia de sucesso com vista a uma integração social capaz. Este projeto prevê o uso de suporte material e de conteúdos digitais que auxiliem o aluno a compreender e a desenvolver o espírito crítico tão necessário no tema da dimensão estética. O recurso a vídeos, documentários, imagens de pinturas e esculturas, músicas e sons adequados, devidamente acompanhados por guiões de visionamento e fichas de trabalho, poderão desencadear não só o espírito crítico necessário para o ato de filosofar, como também possibilitará o desenvolvimento mais apurado da componente sensitiva, elemento tão significativo quanto essencial para a formação dos jovens no que toca ao enquadramento da sua integração para a cidadania ativa.

Problema

Este projeto defende a premissa de que a experiência estética – nas suas mais variadas vertentes – será melhor compreendida pelos alunos quando estes tiverem possibilidade de experienciar na íntegra o significado da criação artística e das obras de arte em todas as suas formas pluriformes, quando devidamente acompanhados por conteúdos digitais que transmitirão outras formas de linguagem que transgridem a linguagem convencional e a instrução meramente expositiva e abstrata e que, por isso mesmo, potenciará a análise e compreensão dos temas.

Questões de Investigação

Apesar do tema deste projeto de intervenção pedagógica se intitular “As TIC no Ensino da Filosofia”, tal não significa que as aulas se irão revestir exclusivamente da vertente tecnológica desprovido de conteúdos, negligenciando por isso a importância do papel do professor na sala de aula. Pelo contrário, cabe ao professor, cada vez mais, demonstrar o seu papel de e-mediador para as novas tecnologias de informação e comunicação, refutando a informação exacerbada e fragmentada que povoa no mundo multimédia e os perigos que essa mesma informação representa para a construção do conhecimento. Por isso mesmo, o uso de todos os suportes tecnológicos materiais e conteúdos digitais que serão exibidos na sala de aula terão todos os seus princípios, todas as suas orientações, todas as suas metodologias pedagogicamente fundamentadas. Se, como refere João Boavida: “A vitalidade filosófica não está no conteúdo, mas no processo, no tipo de atividade que conseguir desencadear”, consideramos então que as novas tecnologias de informação poderão promover formas para desencadear a atividade filosófica: porque os alunos conseguirão ver o objeto de aprendizagem; porque os alunos conseguirão sentir o objeto de aprendizagem; porque os alunos receberão os estímulos visuais e auditivos necessários para a compreensão plena da matéria lecionada, que, de outra forma, jamais poderiam compreender. Convém também notar que os conteúdos digitais poderão tornar o processo de ensino-aprendizagem mais simples (não quer dizer facilitismo) em alguns temas cujas matérias sejam de pendor mais abstrato, metafísico, estético ou religioso. Muitas vezes, o aluno não compreende a matéria porque determinados assuntos revestem-se de um pendor fortemente teórico e expositivo, fator que determina o afastamento do aluno da aprendizagem. Assim, pretende-se implementar uma metodologia ativa e interativa nas aulas. Numa sociedade de informação globalizada, onde por norma a maior parte dos alunos sabem mais do que os professores em relação às tecnologias de informação e comunicação, torna-se urgente uma revitalização na forma de ensinar filosofia.

Objetivos

- Questionar o lugar da filosofia no seio do mundo tecnológico;
- Refletir sobre o papel que ocupam as TIC no ensino/aprendizagem da filosofia;
- Identificar as áreas da filosofia em que as TIC são mais utilizadas;
- Explorar a potencialidade das TIC no ensino/aprendizagem da dimensão estética;
- Pesquisar o *hardware* e software que melhor se adapte ao ensino/aprendizagem da filosofia;
- Identificar a relação entre os professores de filosofia e a utilização das TIC em sala de aula;
- Comparar os inquéritos aos estudantes de filosofia no ensino secundário, que irão aferir os índices de satisfação das TIC no ensino da Filosofia.

Implementação da Investigação

Quanto à amostra para este estudo, considera-se que será relevante não só o envolvimento de todos os professores de filosofia do Externato Ribadouro, bem como os alunos do 10º ano de escolaridade (turma 10º A3), como também é importante estender o estudo para uma amostra mais significativa. Assim, no caso dos alunos, pretende-se aplicar inquéritos a todos os estudantes de filosofia no ensino secundário do externato Ribadouro. No caso em que a recolha de informação seja insuficiente para uma amostra considerável, pretende-se alargar a recolha de dados para outras escolas, como a Escola Secundária Gonçalves Zarco, em Matosinhos, e a Escola Secundária dos Carvalhos, em Vila Nova de Gaia. No caso dos professores, infelizmente a recolha de dados somente no Externato Ribadouro será insuficiente. Como será insuficiente todos os professores de filosofia das escolas acima citadas. Assim, pretende-se alargar a aplicação destes inquéritos, tanto quanto for possível, a todos os professores de filosofia de escolas diversas. Para isso, visitar-se-á algumas escolas do distrito do Porto, que serão explicitadas e fundamentadas no relatório final.

Instrumentos a serem utilizados

- Grelhas de observação e análise diversos;
- Manual do Professor e livros de Apoio; Fichas de Trabalho;
- Guiões de Visionamento de filmes e documentários;
- Fichas de trabalho inseridas nas regências com base no manual;
- Inquéritos para os professores de Filosofia;
- Inquéritos para os alunos de Filosofia.

Suportes Físicos

- Computador;
- Videoprojector;
- Quadro Interativo.

Participantes

Turma de 10º ano (A3).

Procedimento

Aulas de 90 minutos

Calendarização

Observação - Outubro a Fevereiro

Implementação - Março a Maio

Avaliação - Junho

Fases de Desenvolvimento

As fases de desenvolvimento do projeto serão divididas em três vetores:

O primeiro vetor será a aplicação de inquéritos aos professores e alunos sobre as TIC no Ensino da Filosofia, que decorrerá entre Janeiro e Fevereiro. Janeiro para a aplicação dos inquéritos e Fevereiro para a análise dos dados recolhidos.

O segundo vetor, a lecionação do tema da Dimensão Estética, decorrerá entre Abril e Maio.

Finalmente, será feita a avaliação da implementação do projeto e redigido o respetivo relatório final.

Bibliografia

- FERREIRA, Manuela e SANTOS, Milice Ribeiro, (2007). *Aprender a Ensinar, Ensinar a Aprender*. Porto: Edições Afrontamento.
- BOAVIDA, João (2010) *Educação Filosófica: Sete Ensaios*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- GONÇALVES, Joaquim Cerqueira, *Fazer Filosofia – Como e Onde?* - 2ª Edição, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1995.
- ALMEIDA, Maria Manuela Bastos de (Coord.), (2001). Programa de Filosofia do 10º e 11º Anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário.
- VICENTE, Joaquim Neves –*Didáctica da Filosofia*, Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 172-173.
- AMORIM, Carlos e PIRES, Catarina, Livro do Professor, *Percursos*, Filosofia 10º ano. Ensino Secundário. Revisão Científica de José Ribeiro Graça. Areal Editores, Porto.
- OBLINGER, DIANA, and OBLINGER, JAMES, *Educating the NET Generation*, Educause, Transforming Education Through Information Technologies, Washington DC , 2005.
- SANTOS, MARIA IDALINA e CARVALHO, ANA AMÉLIA AMORIM, *O Digital e o Currículo - Os Quadros Interativos Multimédia: Da Formação à Utilização*, VI Conferência Internacional de TIC na Educação. Trabalho inserido no projeto “Educação e Formação Online”, registado no CIEd.
- COMPETÊNCIAS TIC. Estudo de Implementação*. Vol. 1. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE). Equipa responsável pelo Estudo: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa; Universidade de Évora; Universidade do Minho.
- COMPETÊNCIAS TIC. Estudo de Implementação*. Vol. 2. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE). Equipa responsável pelo Estudo: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa; Universidade de Évora; Universidade do Minho.
- COUTINHO, CLARA PEREIRA, *A Influência das Teorias Cognitivas na Investigação em Tecnologia Educativa. Pressupostos teóricos e Metodológicos, Expetativas e Resultados*. Revista Portuguesa da Educação, Universidade do Minho, 2008.

VALENTE, JOSÉ ARMANDO, *Porquê O Computador na Educação?* Núcleo de Informática Aplicada à Educação – NIED.

Effective Assessment in a Digital Age. *A guide to technology-enhanced assessment and feedback*, Higher Education Funding Council for England (HEFCE), 2008.

AL-FUDAIL, MOHAMMED, and MELLAR, HARVEY, *Investigating teacher stress when using technology*, London Knowledge Lab, Institute of Education, University of London, 20 Bedford Way, London WC1H 0AL, United Kingdom. Available online at www.sciencedirect.com.

Teaching and Learning with the Net Generation, by *Kassandra Barnes, Raymond C. Marateo, and S. Pixy Ferris*, This article was originally published in *Innovate* (<http://www.innovateonline.info/>) as: Barnes, K., R. Marateo, and S. Ferris. 2007. Teaching and learning with the net generation. *Innovate* 3 (4). <http://www.innovateonline.info/index.php?view=article&id=382> (accessed April 24, 2008). The article is reprinted here with permission of the publisher, The Fischler School of Education and Human Services at Nova Southeastern University.

ICT Competency Standards For Teachers, UNESCO. Published in 2008 by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization 7, place de Fontenoy, 75352 PARIS 07 SP.

The ICT Impact Report, *A review of studies of ICT impact on schools in Europe*, 11 December 2006. Report written by European Schoolnet in the framework of the European Commission's ICT cluster.

Anexo II

PROPOSTA DE TRABALHO

DATA: 17 de Maio 2013

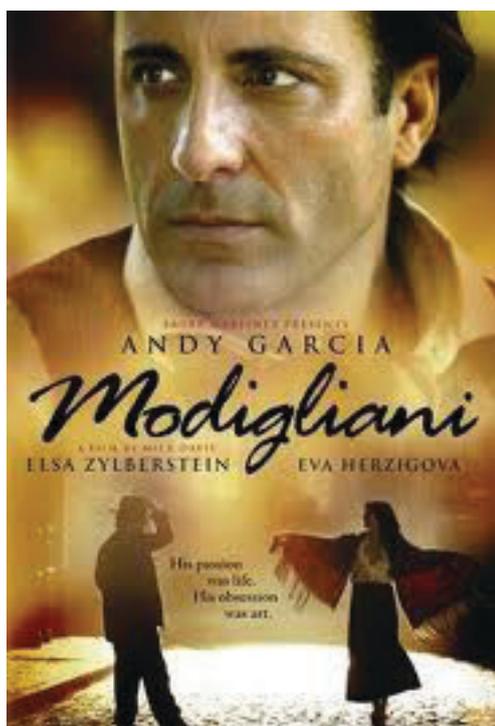
Professor: Filipe Couto

Disciplina: Filosofia

Turma: 10ºA4

GUIÃO DE VISIONAMENTO DO FILME “MODIGLIANI – PAIXÃO PELA VIDA”

1. Faça uma breve síntese do filme.
2. Saliente uma passagem do filme que tenha especial interesse para si, justificando.
3. Considera que Amedeo Modigliani optou por seguir uma vida de extrema pobreza material, agravada pelo excesso de trabalho, álcool e drogas? Justifique a sua resposta.
4. Leia o seguinte diálogo:
 - Diga, Modigliani. Como um homem cego pinta?
 - Pinta aquilo que ninguém vê!
 - 4.1. Posicione-se criticamente em relação à mensagem transmitida no excerto.
5. Comente a seguinte expressão de Modigliani: “Quando conhecer a tua alma, pintarei os teus olhos”.



Bom trabalho!

Anexo III

Texto de Apoio

A arte não reproduz o visível, torna visível. (...) Antes, descrevíamos as coisas que eram visíveis sobre a terra, que víamos ou gostaríamos de ver com satisfação. Agora, a relatividade das coisas visíveis torna-se evidente e com isso manifesta-se a crença de que o visível é apenas um exemplo isolado em relação a todo o universo, e de que existem outras verdades em latência e em grande número. As coisas manifestam-se em sentido alargado e complexo, muitas vezes contrariando, aparentemente, a experiência racional de ontem. O objetivo é que o acidental se essencialize. (...) A arte é uma imagem da criação. É sempre um exemplo, assim como o mundo terrestre é um exemplo do cosmos. (...) Pode ainda falar-se racionalmente do efeito e dos benefícios que a arte exerce: nomeadamente que a imaginação, animada por estímulos que os instintos lhe oferecem, nos simula estados que de algum modo despertam e estimulam mais do que os habituais estados terrenos ou os declaradamente sobrenaturais; para que os símbolos possam consolar o espírito, para que este entenda que, para ele, não existe apenas essa última possibilidade terrena com as suas eventuais intensificações. (...) A arte joga um jogo inconsciente com as coisas últimas, mas acaba por chegar lá.

Ergue-te, homem! Aprecia esta vilegiatura de mudar o ponto de vista como quem muda de ares, e de te veres transposto para um mundo que te distrai e te dá forças para o inevitável regresso ao cinzento do quotidiano. Mais ainda, deixa que ela te ajude a mudar de pele e a imaginar por momentos que és Deus. E também a alegrares-te sempre com a hora do descenso quando a alma se senta à mesa para alimentar os nervos esfomeados, para encher com nova seiva as suas veias adormecidas. Deixa-te levar para este mar revigorante, pelos grandes rios e também pelos belos riachos, como os aforismos das representações gráficas com as suas muitas ramificações.

Anexo IV



Externato Ribadouro

Grelha de avaliação de Trabalho de Grupo

Critérios de Avaliação: **Insuficiente - Suficiente - Bom - Muito Bom**

Grupos e Temas	Alunos Nomes	Métodos e técnicas de estudo			Estratégias Cognitivas				Relacionamento Interpessoal			Avaliação				
		Autonomia na realização das tarefas	Pesquisa e Tratamento de informação	Utilização de recursos diversificados Criatividade	Domínio e rigor dos conteúdos utilizados	Análise e espírito crítico no tratamento da informação	Qualidade da argumentação oral e escrita	Estrutura	Formulação de sínteses e avaliações	outros	Partilha de tarefas	Cumprimento das regras estabelecidas	Colaboração com o grupo	Do grupo	Do aluno	Do Prof.
Grupo 1																
Grupo 2																
Grupo 3																
Grupo 4																

Anexo V

Instituto de Educação Universidade do Minho Inquérito aos alunos

No âmbito da realização do mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário intitulado “As Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino da Filosofia”, gostaríamos que respondesses a algumas questões sobre a utilização das TIC na disciplina de filosofia. Está garantido o anonimato de todas as informações.

Desenha um círculo à volta da opção correspondente: Género: M F Idade: ____ . Ano de escolaridade: ____.

1 - Utilizas um computador no teu dia a dia? (casa, escola, tempos livres?) Por favor, responde com um X a resposta certa. Sim __ Não __.

2 - Utilizas o teu computador pessoal ou qualquer outro computador na escola? Sim __ Não __.

3 - Já tiveste aulas de filosofia em que fosse utilizado o computador? Sim __ Não __.

3.1 - Se respondeste sim na pergunta anterior, indica o que fizeste com o computador (por exemplo, pesquisa na internet, trabalhos em Word; Powerpoint; podes indicar o que quiseres).

Resposta: _____

3.2 - Qual a apreciação que fazes dessa utilização? Assinala com um X todas as situações que consideres relevantes.

Fico mais motivado para a aula _____

Aprendo melhor a matéria de filosofia _____

O ambiente da sala de aula é melhor _____

Prefiro as aulas clássicas sem o computador _____

Perde-se muito tempo _____

O ambiente fica confuso _____

Outra. Qual? _____

4 - Já tiveste aulas em que fosse utilizado um quadro interativo? Assinala com um X todas as situações que consideres relevantes.

Fico mais motivado para a aula _____

Aprendo melhor a matéria de filosofia _____

O ambiente da sala de aula é melhor _____

Prefiro as aulas clássicas sem o computador _____

Perde-se muito tempo _____

O ambiente fica confuso _____

Outra. Qual? _____.

5 - Já tiveste aulas em que fosse utilizado um projetor (Data show)? Assinala com um X todas as situações que consideres relevante.

Fico mais motivado para a aula _____

Aprendo melhor a matéria de filosofia _____

O ambiente da sala de aula é melhor _____

Prefiro as aulas clássicas sem o computador _____

Perde-se muito tempo _____

O ambiente fica confuso _____

Outra. Qual? _____.

6 - Indica a frequência de utilização de TIC e ferramentas informáticas em sala de aula, usando a escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “Nunca” e 5 significa “Sempre” (desenha um círculo à volta do número que consideres adequado).

Quadros Interativos: 1 2 3 4 5

Projetor: 1 2 3 4 5

Computador: 1 2 3 4 5

Internet: 1 2 3 4 5

Apresentação em PowerPoint: 1 2 3 4 5

Software específico da disciplina de filosofia: 1 2 3 4 5

Outras: 1 2 3 4 5

7 - Usando a escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “Não gosto ” e 5 significa “Gosto Muito”, como classificas o teu “gosto” pela disciplina de filosofia? (desenha um círculo à volta do número que consideres adequado).

1 2 3 4 5

7.1 - Explica a razão pela qual escolheste o número da pergunta anterior.

8 - Na tua opinião, em que medida as TIC é uma vantagem ou desvantagem para as aulas de filosofia? Usando a escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “Nunca” e 5 significa “Sempre” (desenha um círculo à volta do número que consideres adequado).

Através da utilização das TIC na disciplina de filosofia:

Fico mais motivado para a aula: 1 2 3 4 5

Aprendo melhor a matéria de filosofia: 1 2 3 4 5

As aulas tornam-se menos exaustivas: 1 2 3 4 5

O ambiente da sala de aula é melhor: 1 2 3 4 5

9 - Na tua opinião, qual ou quais o(s) recurso(s) didático(os) que seria(m) mais importante (s) para ser utilizado na disciplina de filosofia? Porquê?

10 - Por fim, tendo em conta que estamos a falar da utilização das TIC na disciplina de filosofia, o que achas que se deve fazer para melhorar a qualidade do ensino da disciplina? (Resposta livre).

Muito obrigado pela tua participação!

Anexo VI

**Instituto de Educação
Universidade do Minho
Inquérito aos Professores de Filosofia**

No âmbito da realização do mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário intitulado “As Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino da Filosofia”, gostaríamos que respondesse a umas questões sobre a utilização das TIC na disciplina de filosofia. Está garantido o anonimato de todas as informações.

Por favor, desenhe um círculo à volta da opção correspondente: Género: M F
Idade: ____.

1 - Utiliza um computador no seu dia a dia? (casa, escola, tempos livres?) Responda com um X a resposta selecionada. Sim__Não__.

**2 - Utiliza o seu computador pessoal ou qualquer outro computador na escola? Sim__
Não__.**

3 - Já utilizou um computador e um vídeo projetor (Data Show) como suporte para a leção de algum tema específico da disciplina de filosofia? Sim__Não__. Qual foi o tema? _____(Facultativo).

3.1 - Se respondeu que sim na pergunta anterior, indique para que fim (fins) utilizou o computador e o vídeo projetor (por exemplo, acesso à internet, trabalhos em Word; projeção de PowerPoint; exibição de filmes, pequenos vídeos ou documentários, música... pode indicar o que quiser).

Resposta: _____

3.2 - Qual a apreciação que faz dessa utilização? Assinale com um X todas as situações que considere corretas.

Constatai que os alunos ficam mais atentos e motivados _____

Os alunos aprendem com mais facilidade a matéria de filosofia _____

O ambiente da sala de aula é melhor _____

Prefiro as aulas clássicas sem o computador _____

Perde-se muito tempo _____

O ambiente fica confuso _____

Não sei muito bem utilizar o computador nem o vídeo projetor _____

Outra. Qual? _____.

4 - Já utilizou um quadro interativo para dar aulas? Sim ___ Não ___. Se sim, por favor, assinale com um X todas as situações que considere relevantes.

Constatai que os alunos ficam mais atentos e motivados _____

Os alunos aprendem com mais facilidade a matéria de filosofia _____

O ambiente da sala de aula é melhor _____

É mais fácil dar aulas se recorrer ao quadro interativo _____

Prefiro as aulas clássicas sem o Quadro Interativo _____

Perde-se muito tempo _____

O ambiente fica confuso _____

Não sei muito bem utilizar o quadro interativo _____

Outra. Qual? _____.

4.1 - Já utilizou algum software específico para o Quadro Interativo? Sim ___

Não _____.

4.2 - Já frequentou alguma ação de formação de Quadros Interativos? Sim ___

Não _____.

5 - Indique a frequência de utilização de TIC e ferramentas informáticas em sala de aula, usando a escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “Nunca” e 5 significa “Sempre” (desenhe um círculo à volta do número que considere adequado).

Quadros Interativos: 1 2 3 4 5

Projetor: 1 2 3 4 5

Computador: 1 2 3 4 5

Internet: 1 2 3 4 5

Apresentação em PowerPoint: 1 2 3 4 5

Software específico da disciplina de filosofia: 1 2 3 4 5

Outras: 1 2 3 4 5

**6 - Considera que as TIC podem melhorar a qualidade das aulas de filosofia? Sim ___
Não___.**

7 - Considera que tem conhecimentos acerca da utilização das tecnologias abordadas aqui? Sim ___ Não___ Pouco__.

7.1 - Considera que os seus colegas de profissão (filosofia) têm conhecimentos acerca da utilização das tecnologias abordadas aqui?

Sim ___ Não___ Pouco__.

8 - Na sua opinião, em que medida as TIC são uma vantagem ou desvantagem para as aulas de filosofia? Usando a escala de 1 a 5, sendo que 1 significa “Nunca” e 5 significa “Sempre”, por favor, desenhe um círculo à volta do número que considere adequado.

Através da utilização das TIC na disciplina de filosofia:

Os alunos ficam mais motivados para a aula: 1 2 3 4 5

Os alunos aprendem melhor a matéria de filosofia: 1 2 3 4 5

As aulas tornam-se menos exaustivas: 1 2 3 4 5

O ambiente da sala de aula é melhor: 1 2 3 4 5

9 - Na sua opinião, quais os recursos didáticos que seriam mais importantes para ser utilizados na disciplina de filosofia? Porquê?

10 - Por fim, tendo em conta que estamos a falar da utilização das TIC na disciplina de filosofia, o que acha que se deve fazer para melhorar a qualidade do ensino da filosofia? (Resposta livre).

Muito obrigado pela sua participação!